

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com Comentários e Notas de

JAMES STRACHEY

Em Colaboração com

ANNA FREUD

Assistidos por

ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME IV

(1900)

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

(PRIMEIRA PARTE)

Direção de

JAYME SALOMÃO

2.^a EDIÇÃO

Totalmente Revisada pela Dra. VERA RIBEIRO



CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F942o Freud, Sigmund, 1856-1939.
2.ed. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard
24vs. brasileira / Sigmund Freud; com comentários e notas de James Strachey; em colaboração com Anna Freud; assistido por Alix Strachey e Alan Tyson; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. — 2.ed. — Rio de Janeiro: Imago, 1987.

Tradução de: The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud.

Apêndice.
Bibliografia.

1. Psicanálise. I. Strachey, James. II. Freud, Anna, 1895- III. Título.

86-1114

CDD — 150.1952
CDU — 159.904.26FREUD



IMAGO EDITORA LTDA.
Rio de Janeiro

CAPÍTULO II

O MÉTODO DE INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS:

ANÁLISE DE UM SONHO MODELO

O título que escolhi para minha obra* deixa claro quais das abordagens tradicionais do problema dos sonhos estou inclinado a seguir. O objetivo que estabeleci perante mim mesmo é demonstrar que os sonhos são passíveis de ser interpretados; e quaisquer contribuições que eu possa fazer para a solução dos problemas tratados no último capítulo só surgirão como subprodutos no decorrer da execução de minha tarefa propriamente dita. Meu pressuposto de que os sonhos podem ser interpretados coloca-me, de imediato, em oposição à teoria dominante sobre os sonhos e, de fato, a todas as teorias dos sonhos, com a única exceção da de Scherner [pág. 108 e segs.]; pois "interpretar" um sonho implica atribuir a ele um "sentido" — isto é, substituí-lo por algo que se ajuste à cadeia de nossos atos mentais como um elo dotado de validade e importância iguais ao restante. Como vimos, as teorias científicas dos sonhos não dão margem a nenhum problema com a interpretação dos mesmos, visto que, segundo o seu ponto de vista dessas teorias, o sonho não é absolutamente um ato mental, mas um processo somático que assinala sua ocorrência por indicações registradas no aparelho mental. A opinião leiga tem assumido uma atitude diferente ao longo dos tempos. Tem exercido seu direito inalienável de se comportar de forma incoerente; e, embora admitindo que os sonhos são ininteligíveis e absurdos, não consegue convencer-se a declarar que eles não têm importância alguma. Levada por algum sentimento obscuro, ela parece presumir que, apesar de tudo, todo sonho tem um sentido, embora oculto, que os sonhos se destinam a ocupar o lugar de algum outro processo de pensamento, e que para chegar a esse sentido oculto temos apenas de desfazer corretamente a substituição.

Assim, o mundo leigo se interessa, desde os tempos mais remotos, pela "interpretação" dos sonhos, e, em suas tentativas de fazê-la, tem-se servido de dois métodos essencialmente diferentes.

O primeiro desses métodos considera o conteúdo do sonho como um todo e procura substituí-lo por outro conteúdo que seja inteligível e, em

* |Convém lembrar que esse título, *Die Traumdeutung*, não expressa propriamente a idéia de uma "interpretação" (fechada, final ou única) dos sonhos, mas a de uma busca do sentido dos sonhos, evidentemente entendidos por Freud como dotados de sentido para cada sujeito ao sonhar, como produções psíquicas que eram um efeito desse sentido. Para o leitor de língua alemã, essa postura freudiana ficava clara já no título da obra. (N. da Rev. Geral).|

certos aspectos, análogo ao original. Essa é a interpretação "simbólica" dos sonhos, e cai inevitavelmente por terra quando se defronta com sonhos que são não apenas ininteligíveis, mas também confusos. Um exemplo desse método pode ser observado na explicação do sonho do Faraó, proposta por José na Bíblia. As sete vacas gordas seguidas pelas sete vacas magras que devoravam as gordas — tudo isso era o substituto simbólico para uma profecia de sete anos de fome nas terras do Egito, que deveriam consumir tudo o que fosse produzido nos sete anos de abundância. A maioria dos sonhos artificiais criados pelos escritores de ficção destinam-se a esse tipo de interpretação simbólica: reproduzem os pensamentos do escritor sob um disfarce que se considera como estando em harmonia com as características reconhecidas dos sonhos.⁽¹⁾ A idéia de os sonhos se relacionarem principalmente com o futuro e poderem predizê-lo — um vestígio da antiga importância profética dos sonhos — fornece uma razão para se transpor o sentido do sonho, quando se chega a tal sentido por meio da interpretação simbólica, para o tempo futuro. É obviamente impossível dar instruções sobre o método de se chegar a uma interpretação simbólica. O êxito deve ser uma questão de se esbarrar numa idéia inteligente, uma questão de intuição direta, e por esse motivo foi possível à interpretação dos sonhos por meio do simbolismo ser exaltada numa atividade artística que depende da posse de dons peculiares.⁽²⁾

O segundo dos dois métodos populares de interpretação dos sonhos está longe de fazer tais afirmações. Poderia ser descrito como o método da "decifração", pois trata os sonhos como uma espécie de criptografia em que cada signo pode ser traduzido por outro signo de significado conhecido, de acordo com um código fixo. Suponhamos, por exemplo, que eu tenha sonhado com uma carta e também com um funeral. Se consultar um "livro dos sonhos", verificarei que "carta" deve traduzir-se por "transtorno", e "funeral", por "noivado". Resta-me então vincular as palavras-chave que assim decifrei e, mais uma vez, transpor o resultado para o tempo futuro. Uma modificação interessante do processo de decifração, que até certo ponto corrige o caráter puramente mecânico de seu método de transposição, encontra-se no livro escrito sobre a interpretação dos sonhos

(1) [Nota de rodapé acrescentada em 1909:] Encontrei por acaso em *Gradiva*, uma história escrita por Wilhelm Jensen, diversos sonhos artificiais construídos de maneira perfeitamente correta e que poderiam ser interpretados exatamente como se não tivessem sido inventados, mas sonhados por pessoas reais. Em resposta a uma indagação, o autor confirmou o fato de não ter nenhum conhecimento acerca de minha teoria dos sonhos. Argumentei que a concordância entre minhas pesquisas e as criações desse escritor constitui prova a favor da correção de minha análise dos sonhos. (Ver Freud, 1907a.)

(2) [Nota de rodapé acrescentada em 1914:] Aristóteles [*De divinatione per somnum*, II (Trad. 1935, 383)] comentou, a este respeito, que o melhor intérprete dos sonhos seria o homem mais capaz de apreender as semelhanças, pois as imagens oníricas, como as imagens na água, são deformadas pelo movimento, e o intérprete

[*Oneirocritica*] de Artemidoro de Daldis.⁽¹⁾ Esse método leva em conta não apenas o conteúdo do sonho, mas também o caráter e a situação do sonhador, de modo que um mesmo elemento onírico terá, para um homem rico, um homem casado ou, digamos, um orador, um sentido diferente do que tem para um homem pobre, um homem solteiro ou um negociante. A essência do método de decifração reside, contudo, no fato de o trabalho de interpretação não ser aplicado ao sonho como um todo, mas a cada parcela independente do conteúdo do sonho, como se o sonho fosse um conglomerado geológico em que cada fragmento de rocha exigisse uma análise isolada. Não há dúvida de que a invenção do método interpretativo de decifração foi sugerida por sonhos desconexos e confusos.⁽²⁾

de maior êxito é o homem que consegue identificar a verdade a partir da imagem deformada (Büchschütz, 1868, 65.)

(1) [Nota de rodapé acrescentada em 1914:] Artemidoro de Daldis, que provavelmente nasceu no início do século II d. C., legou-nos o mais completo e metódico estudo da interpretação dos sonhos tal como praticada no mundo greco-romano. Como assinala Theodor Gomperz (1866, 7 e seg.), ele insistia na importância de basear a interpretação dos sonhos na observação e na experiência, e estabelecia uma distinção rígida entre sua própria arte e outras que eram ilusórias. O princípio de sua arte interpretativa, segundo Gomperz, é idêntico à magia, o princípio de associação. Uma coisa num sonho significa o que ela recordar à mente — à mente do intérprete de sonhos, é quase desnecessário dizer. Uma fonte insuperável de arbitrariedade e incerteza decorre do fato de que o elemento onírico pode evocar várias coisas à mente do intérprete e evocar coisas diferentes a diferentes intérpretes. A técnica que descrevo nas páginas seguintes difere do método da Antiguidade num ponto essencial: ela impõe a tarefa de interpretação à própria pessoa que sonha. Não se interessa pelo que ocorre ao intérprete em relação a um elemento específico do sonho, mas pelo que ocorre ao sonhador. — Todavia, alguns relatos recentes de um missionário, o Padre Tinkdji (1913, [516-17 e 523]), mostram que os modernos intérpretes dos sonhos no Oriente também fazem livre uso da colaboração do sonhador. Assim escreve ele sobre os intérpretes de sonhos entre os árabes da Mesopotâmia: "Pour interpréter exactement un songe, les oniromanciens les plus habiles s'informent de ceux qui les consultent de toutes les circonstances qu'ils regardent nécessaires pour la bonne explication... En un mot, nos oniromanciens ne laissent aucune circonstance leur échapper et ne donnent l'interprétation désirée avant d'avoir parfaitement saisi et reçu toutes les interrogations désirables." ["Para interpretar um sonho com exatidão, os oniromancistas mais hábeis se informam junto àqueles que os consultam sobre todas as circunstâncias que eles julgam necessárias à boa explicação... Em suma, nossos oniromancistas não deixam escapar nenhuma circunstância e não dão a interpretação desejada antes de terem captado perfeitamente as respostas a todas as perguntas necessárias."] Entre essas perguntas costumam incluir-se indagações a respeito dos parentes mais próximos do sonhador — seus pais, mulher e filhos — bem como uma formulação típica como: "Habustine in hac nocte copulam conjugalem ante vel post somnium?" ["O senhor copulou com sua mulher essa noite antes ou depois de ter tido o sonho?"] — "L'idée dominante dans l'interprétation des songes consiste à expliquer le rêve par son opposé." ["A idéia dominante na interpretação dos sonhos consiste em explicar o sonho por seu oposto."]

(2) [Nota de rodapé acrescentada em 1909:] O Dr. Alfred Robitsek mostrou-me que os "livros de sonhos" orientais (dos quais os nossos são imitações precárias) baseiam a maioria de suas interpretações de elementos oníricos na comparação entre

Não se pode imaginar nem por um momento que qualquer dos dois métodos populares de interpretação dos sonhos possa ser empregado numa abordagem científica do assunto. O método simbólico é restrito em sua aplicação e impossível de formular em linhas gerais. No caso do método de decifração, tudo depende da confiabilidade do "código" — o livro dos sonhos —, e quanto a isso não temos nenhuma garantia. Assim, poderíamos sentir-nos tentados a concordar com os filósofos e psiquiatras e, à semelhança deles, descartar o problema da interpretação dos sonhos como uma tarefa puramente fantasiosa.⁽¹⁾

Mas descobri que não é bem assim. Fui levado a compreender que temos aqui, mais uma vez, um daqueles casos nada incomuns em que uma antiga crença popular, ciosamente guardada, parece estar mais próxima da verdade que o julgamento da ciência vigente em nossos dias. Devo afirmar que os sonhos realmente têm um sentido e que é possível ter-se um método científico para interpretá-los.

Meu conhecimento desse método foi obtido da seguinte maneira. Tenho-me empenhado há muitos anos (com um objetivo terapêutico em vista) em deslindar certas estruturas psicopatológicas — fobias históricas, idéias obsessivas, e assim por diante. Com efeito, tenho-o feito desde que soube, por meio de uma importante comunicação de Josef Breuer, que, no tocante a essas estruturas (que são consideradas como sintomas patológicos), sua

sons e na semelhança entre palavras. O fato de essas relações inevitavelmente desaparecerem na tradução explica a ininteligibilidade das versões fornecidas em nossos próprios livros populares de sonhos. O papel extraordinariamente importante desempenhado pelos jogos de palavras e trocadilhos verbais nas antigas civilizações do Oriente pode ser estudado nos textos de Hugo Winckler [o famoso arqueologista]. — [Acrecentado em 1911:] O melhor exemplo de interpretação de sonho que nos chegou da Antiguidade baseia-se num trocadilho. É narrado por Artemidoro [Livro IV, Cap. 24; tradução de Krauss, 1881, 255]: "Julgo também que Aristandro ofereceu uma interpretação das mais felizes a Alexandre da Macedônia quando este havia cercado Tiro [Τύρος] e a estava mantendo sitiada, mas se sentia inquieto e perturbado em vista do tempo que o cerco estava tomando. Alexandre sonhou que via um sátiro [σάτυρος] dançando em seu escudo. Casualmente, Aristandro se encontrava nas imediações de Tiro, a serviço do rei em sua companhia da Síria. Dividindo a palavra correspondente a sátiro em *σά* e *τύρος*, ele incentivou o rei a apertar o cerco, e este se tornou senhor da cidade." (*σά Τύρος* = Tiro é tua.) — De fato, os sonhos se acham relacionados de forma tão íntima com a expressão lingüística que Ferenczi [1910] observou acertadamente que cada idioma possui sua própria linguagem onírica. É impossível, em geral, traduzir um sonho numa língua estrangeira, e isso também se aplica, imagino, a um livro como este. [Acrecentado em 1930:] Não obstante, o Dr. A. A. Brill, de Nova Iorque, e outros depois dele, conseguiram traduzir *A Interpretação dos Sonhos*.

(1) [Após haver concluído meu manuscrito, deparei com uma obra de Stumpf (1899) que concorda com meus pontos de vista ao procurar provar que os sonhos têm um sentido e podem ser interpretados. Stumpf faz suas interpretações, contudo, por meio de um simbolismo de caráter alegórico, sem qualquer garantia da validade geral de seu método.]

decomposição coincide com sua solução.⁽¹⁾ (Cf. Breuer e Freud, 1895.) Quando esse tipo de representação patológica pode ser rastreado até os elementos da vida mental do paciente dos quais se originou, a representação ao mesmo tempo se desarticula, e o paciente fica livre dela. Considerando a impotência de nossos outros esforços terapêuticos e a natureza enigmática desses distúrbios, senti-me tentado a seguir a trilha apontada por Breuer, apesar de todas as dificuldades, até que se chegasse a uma explicação completa. Em outra ocasião, terei que discorrer longamente sobre a forma que esse procedimento acabou por assumir e sobre os resultados de meus esforços. Foi no decorrer desses estudos psicanalíticos que me deparei com a interpretação dos sonhos. Meus pacientes assumiam o compromisso de me comunicar todas as idéias ou pensamentos que lhes ocorressem em relação a um assunto específico; entre outras coisas, narravam-me seus sonhos, e assim me ensinaram que o sonho pode ser inserido na cadeia psíquica a ser retrospectivamente rastreada na memória a partir de uma idéia patológica. Faltava então apenas um pequeno passo para se tratar o próprio sonho como um sintoma e aplicar aos sonhos o método de interpretação que fora elaborado para os sintomas. Isso envolve alguma preparação psicológica da parte do paciente. Devemos ter em mira a promoção de duas mudanças nele: um aumento da atenção que ele dispensa a suas próprias percepções psíquicas e a eliminação da crítica pela qual ele normalmente filtra os pensamentos que lhe ocorrem. Para que ele possa concentrar sua atenção na observação de si mesmo, é conveniente que ele se coloque numa atitude repousante e feche os olhos.⁽²⁾ É necessário insistir explicitamente para que ele renuncie a qualquer crítica aos pensamentos que perceber. Dizemos-lhe, portanto, que o êxito da psicanálise depende de ele notar e relatar o que quer que lhe venha à cabeça, e de não cair no erro, por exemplo, de suprimir uma idéia por parecer-lhe sem importância ou irrelevante, ou por lhe parecer destituída de sentido. Ele deve adotar uma atitude inteiramente imparcial perante o que lhe ocorrer, pois é precisamente sua atitude crítica que é responsável por ele não conseguir, no curso habitual das coisas, chegar ao desejado deslindamento de seu sonho, ou de sua idéia obsessiva, ou seja lá o que for.

Tenho observado, em meu trabalho psicanalítico, que todo o estado de espírito de um homem que esteja refletindo é inteiramente diferente do de um homem que esteja observando seus próprios processos psíquicos. Na reflexão, há em funcionamento uma atividade psíquica a mais do que na mais atenta auto-observação, e isso é demonstrado, entre outras coisas, pelos olhares tensos e o cenho franzido da pessoa que esteja acompanhando

(1) ["Auflösung" e "Lösung" no original]

(2) [A ênfase na conveniência de fechar os olhos (um remanescente do antigo método hipnótico) logo foi abandonada. Ver, por exemplo, a exposição da técnica psicanalítica em Freud (1904a), onde se menciona especificamente que o analista não pede ao paciente que feche os olhos.]

do suas reflexões, em contraste com a expressão repousada de um auto-observador. Em ambos os casos, a atenção⁽¹⁾ deve ser concentrada, mas o homem que está refletindo exerce também sua faculdade crítica; isso o leva a rejeitar algumas das idéias que lhe ocorrem após percebê-las, a interromper outras abruptamente, sem seguir os fluxos de pensamento que elas lhe desvendariam, e a se comportar de tal forma em relação a mais outras que elas nunca chegam a se tornar conscientes e, por conseguinte, são suprimidas antes de serem percebidas. O auto-observador, por outro lado, só precisa dar-se ao trabalho de suprimir sua faculdade crítica. Se tiver êxito nisso, virão a sua consciência inúmeras idéias que, de outro modo, ele jamais conseguiria captar. O material inédito assim obtido para sua autopercepção possibilita interpretar tanto suas idéias patológicas como suas estruturas oníricas. O que está em questão, evidentemente, é o estabelecimento de um estado psíquico que, em sua distribuição da energia psíquica (isto é, da atenção móvel), tem alguma analogia com o estado que precede o adormecimento — e, sem dúvida, também com a hipnose. Ao adormecermos, surgem “representações involuntárias”, graças ao relaxamento de certa atividade deliberada (e, sem dúvida, também crítica) a que permitimos influenciar o curso de nossas representações enquanto estamos acordados. (Costumamos atribuir esse relaxamento à “fadiga”.) À medida que emergem as representações involuntárias transformam-se em imagens visuais e acústicas. (Cf. as observações de Schleiermacher e outros, citados nas págs. 79 e seg. [e 97 e seg.].)⁽²⁾ No estado utilizado para a análise dos sonhos e das idéias patológicas, o paciente, de forma intencional e deliberada, abandona essa atividade e emprega a energia psíquica assim poupada (ou parte dela) para acompanhar com atenção os pensamentos involuntários que então emergem, e que — e nisso a situação difere da situação do adormecimento — retêm o caráter de representações. *Dessa forma, as representações “involuntárias” são transformadas em “voluntárias”.*

A adoção⁽³⁾ da atitude de espírito necessária perante idéias que parecem surgir “por sua livre e espontânea vontade” bem como o abandono da função crítica que normalmente atua contra elas parecem ser difíceis de conseguir para algumas pessoas. Os “pensamentos involuntários” estão aptos a liberar uma resistência muito violenta, que procura impedir seu surgimento. A confiar no grande poeta e filósofo Friedrich Schiller, contudo, a criação poética deve exigir uma atitude exatamente semelhante. Num trecho de sua correspondência com Körner — temos que agradecer

a Otto Rank por tê-la descoberto — Schiller (escrevendo em 1.º de dezembro de 1788) responde à queixa que lhe faz o amigo a respeito da produtividade insuficiente: “O fundamento de sua queixa parece-me residir na restrição imposta por sua razão a sua imaginação. Tornarei minha idéia mais concreta por meio de um símile. Parece ruim e prejudicial para o trabalho criativo da mente que a Razão proceda a um exame muito rigoroso das idéias à medida que elas vão brotando — na própria entrada, por assim dizer. Encarado isoladamente, um pensamento pode parecer muito trivial ou muito absurdo, mas pode tornar-se importante em função de outro pensamento que suceda a ele, e, em conjunto com outros pensamentos que talvez pareçam igualmente absurdos, poderá vir a formar um elo muito eficaz. A Razão não pode formar qualquer opinião sobre tudo isso, a menos que retenha o pensamento por tempo suficiente para examiná-lo em conjunto com os outros. Por outro lado, onde existe uma mente criativa, a Razão — ao que me parece — relaxa sua vigilância sobre os portais, e as idéias entram precipitadamente, e só então ela as inspeciona e examina como um grupo. — Vocês, críticos, ou como quer que se denominem, ficam envergonhados ou assustados com as extravagâncias momentâneas e passageiras que se encontram em todas as mentes verdadeiramente criativas, e cuja duração maior ou menor distingue o artista pensante do sonhador. Vocês se queixam de sua improdutividade porque rejeitam cedo demais e discriminam com excessivo rigor.”

Não obstante, o que Schiller descreve como o relaxamento da vigilância nos portais da Razão, a adoção de uma atitude de auto-observação acrítica, de modo algum é difícil. A maioria de meus pacientes a consegue após as primeiras instruções. Eu mesmo o faço de forma bem completa, ajudado pela anotação de minhas idéias à medida que elas me ocorrem. O volume de energia psíquica em que é possível reduzir a atividade crítica e aumentar a intensidade da auto-observação varia de modo considerável, conforme o assunto em que se esteja tentando fixar a atenção.

Nosso primeiro passo no emprego desse método nos ensina que o que devemos tomar como objeto de nossa atenção não é o sonho como um todo, mas partes separadas de seu conteúdo. Quando digo ao paciente ainda novato: “Que é que lhe ocorre em relação a esse sonho?”, seu horizonte mental costuma transformar-se num vazio. No entanto, se colocar diante dele o sonho fracionado, ele me dará uma série de associações para cada fração, que poderiam ser descritas como os “pensamentos de fundo” dessa parte específica do sonho. Assim, o método de interpretação dos sonhos que pratico já difere, nesse primeiro aspecto importante, do popular, histórico e legendário método de interpretação por meio do simbolismo, aproximando-se do segundo método, ou método de “decifração”. Como este, ele emprega a interpretação *en détail* e não *en masse*; como este,

(1) [A função da atenção é abordada mais adiante (pág. 538).]

(2) [Nota de rodapé acrescentada em 1919:] Silberer (1909, 1910 e 1912) fez importantes contribuições à interpretação dos sonhos, observando diretamente essa transformação das idéias em imagens visuais. [Ver págs. 328 e seg. e 463].

(3) [Este parágrafo foi acrescentado em 1909, e a primeira frase do parágrafo seguinte foi modificada de acordo com o acréscimo.]

considera os sonhos, desde o início, como tendo um caráter múltiplo, como sendo conglomerados de formações psíquicas. [Cf. págs. 391 e seg. e 418.](1)

No decorrer de minhas psicanálises de neuróticos já devo ter analisado mais de mil sonhos; mas não me proponho utilizar esse material nesta introdução à técnica e à teoria da interpretação do sonho. Além do fato de que essa alternativa estaria sujeita à objeção de que esses são sonhos de neuropatas, dos quais não se poderia extrair nenhuma inferência válida quanto aos sonhos das pessoas normais, há um outro motivo bem diferente que me impõe essa decisão. O assunto a que levam esses sonhos de meus pacientes é sempre, por certo, a história clínica subjacente a suas neuroses. Cada sonho exigiria portanto, uma longa introdução e uma investigação da natureza e dos determinantes etiológicos das psico-neuroses. Mas essas questões constituem novidades em si mesmas e são altamente desconcertantes, e desviariam a atenção do problema dos sonhos. Ao contrário, é minha intenção utilizar minha atual elucidação dos sonhos como um passo preliminar no sentido de resolver os problemas mais difíceis da psicologia das neuroses.(2) Todavia, ao abrir mão de meu material principal, os sonhos de meus pacientes neuróticos, não devo ser muito exigente quanto ao que me resta. Tudo o que sobra são sonhos como os que me foram às vezes relatados por pessoas normais de minhas relações, e outros como os que foram citados como exemplos na literatura que trata da vida onírica. Infelizmente, porém, nenhum desses sonhos é acompanhado pela análise, sem a qual não posso descobrir o sentido de um sonho. Meu método não é tão cômodo quanto o método popular de decifração, que traduz qualquer parte isolada do conteúdo do sonho por meio de um código fixo. Pelo contrário, estou pronto a constatar que o mesmo fragmento de um conteúdo pode ocultar um sentido diferente quando ocorre em várias pessoas ou em vários contextos. Assim, dá-se que sou levado aos meus próprios sonhos, que oferecem um material abundante e conveniente, oriundo de uma pessoa mais ou menos normal e relacionado com múltiplas circunstâncias da vida cotidiana. É certo que depararei com dúvidas quanto à confiabilidade desse tipo de "auto-análises", e não de me dizer que elas deixam a porta aberta a conclusões

(1) [A técnica da interpretação dos sonhos é ainda examinada mais adiante (pág. 480 e segs.). Ver também as duas primeiras seções de Freud (1923c). A questão bem diferente do papel desempenhado pela interpretação dos sonhos na técnica da psicanálise terapêutica é examinada em Freud (1911e).]

(2) [No início da Seção E do Capítulo VII, Freud reflete sobre as dificuldades impostas a sua exposição do assunto por esse projeto, que já está formulado em seu prefácio à primeira edição (pág. 29). Como assinala na pág. 161, e novamente na pág. 165n, ele é muitas vezes levado a desconsiderá-lo. Apesar de sua intenção declarada, Freud utiliza numerosos sonhos de seus pacientes; e mais de uma vez (por exemplo, na pág. 163 e seg.) entra numa discussão sobre o mecanismo dos sintomas neuróticos.]

arbitrárias. Em meu julgamento, a situação é de fato mais favorável no caso da *auto-observação* do que na observação de outras pessoas; seja como for, podemos fazer a experiência e verificar até que ponto a auto-análise nos leva na interpretação dos sonhos. Mas tenho outras dificuldades a superar, que estão dentro de mim mesmo. Há uma certa hesitação natural em revelar tantos fatos íntimos sobre nossa própria vida mental, e não pode haver qualquer garantia contra a interpretação errônea por parte dos estranhos. Mas deve ser possível vencer tais hesitações. "Tout psychologue", escreve Delboeuf [1885], "est obligé de faire l'aveu même de ses faiblesses s'il croit par là jeter du jour sur quelque problème obscur."(1) E é correto presumir que também meus leitores logo verão seu interesse inicial nas indscrições que estou fadado a cometer transformado num interessante mergulho nos problemas psicológicos sobre os quais elas lançam luz.(2)

Por conseguinte, passarei a escolher um de meus próprios sonhos e, com base nele, demonstrarei meu método de interpretação. No caso de cada um desses sonhos, far-se-ão necessárias algumas observações à guisa de preâmbulo. — E agora devo pedir ao leitor que faça dos meus interesses os seus próprios por um período bastante longo, e que mergulhe comigo nos menores detalhes de minha vida, pois esse tipo de transferência é obrigatoriamente exigido por nosso interesse no sentido oculto dos sonhos.

PREÂMBULO

No verão de 1895, eu vinha prestando tratamento psicanalítico a uma jovem senhora que mantinha laços muito cordiais de amizade comigo e com minha família. É fácil compreender que uma relação mista como essa pode constituir uma fonte de muitos sentimentos conturbados no médico, em particular no psicoterapeuta. Embora o interesse pessoal do médico seja maior, sua autoridade é menor; qualquer fracasso traz uma ameaça à amizade há muito estabelecida com a família do paciente. Esse tratamento terminara com êxito parcial; a paciente ficara livre de sua angústia histérica, mas não perdera todos os sintomas somáticos. Nessa ocasião, eu ainda não discernia com muita clareza quais eram os critérios indicativos de que um caso clínico de histeria estava afinal encerrado, e havia proposto à paciente uma solução que ela não parecia disposta a aceitar. Enquanto estávamos nessa discordância, interrompemos o tratamento du-

(1) ["Todo psicólogo é obrigado a confessar até mesmo suas próprias fraquezas, se acreditar que assim lança luz sobre algum problema obscuro."]

(2) [Sou obrigado a acrescentar, contudo, à guisa de restrição do que disse acima, que em quase nenhum exemplo apresentei a interpretação completa de meus próprios sonhos, conforme me é conhecida. Provavelmente, fui sensato em não depositar demasiada fé na discríção de meus leitores.]

rante as férias de verão. — Certo dia, recebi a visita de um colega mais novo na profissão, um de meus mais velhos amigos, que estivera com minha paciente, Irma, e sua família, em sua casa de campo. Perguntei-lhe como a achara e ele me respondeu: "Está melhor, mas não inteiramente boa." Tive consciência de que as palavras de meu amigo Otto, ou o tom em que as proferiu, me aborreceram. Imaginei ter identificado nelas uma recriminação como no sentido de que eu teria prometido demais à paciente; e, com ou sem razão, atribuí o suposto fato de Otto estar tomando partido contra mim à influência dos parentes de minha paciente, que, como me parecia, nunca haviam olhado o tratamento com bons olhos. Entretanto, minha impressão desagradável não me ficou clara e não externei nenhum sinal dela. Na mesma noite, redigi o caso clínico de Irma, com a idéia de entregá-lo ao Dr. M. (um amigo comum que, na época, era a principal figura de nosso círculo), a fim de me justificar. Naquela noite (ou na manhã seguinte, como é mais provável), tive o seguinte sonho, que anotei logo ao acordar.⁽¹⁾

SONHO DE 23-24 DE JULHO DE 1895

Um grande salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. — Entre eles estava Irma. No mesmo instante, puxei-a de lado, como que para responder a sua carta e repreendê-la por não ter ainda aceitado minha "solução". Disse-lhe: "Se você ainda sente dores, é realmente apenas por culpa sua." Respondeu ela: "Ah! se o senhor pudesse imaginar as dores que sinto agora na garganta, no estômago e no abdômen... — isso está me sufocando." — Fiquei alarmado e olhei para ela. Parecia pálida e inchada. Pensei comigo mesmo que, afinal de contas, devia estar deixando de perceber algum distúrbio orgânico. Levei-a até a janela e examinei-lhe a garganta, e ela deu mostras de resistência, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. — Em seguida, ela abriu a boca como devia e, no lado direito, descobri uma grande placa branca;⁽²⁾ em outro lugar, vi extensas crostas cinza-esbranquiçadas sobre algumas notáveis estruturas recurvadas, que tinham evidentemente por modelo os ossos turbinados do nariz. — Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame e o confirmou... O Dr. M. tinha uma aparência muito diferente

(1) [Nota de rodapé acrescentada em 1914:] Esse foi o primeiro sonho que submeti a uma interpretação pormenorizada. [Freud descreve algumas tentativas incipientes de análise de seus próprios sonhos nos *Estudos sobre a Histeria* (Breuer e Freud, 1895). Elas são mencionadas no curso da longa nota de rodapé anexa à anotação de 15 de maio no Caso Clínico da Sra. Emmy von N. Esse trecho é citado na íntegra na Introdução do Editor inglês (pág. 21 e seg.).]

(2) [O termo "branca" foi omitido, sem dúvida acidentalmente, apenas na edição de 1942.]

da habitual; estava muito pálido, claudicava e tinha o queixo escanhoado... Meu amigo Otto estava também agora de pé ao lado dela, e meu amigo Leopold a auscultava através do corpete e dizia: "Ela tem uma área surda bem embaixo, à esquerda." Indicou também que parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. (Notei isso, tal como ele fizera, apesar do vestido.)... M. disse: "Não há dúvida de que é uma infecção, mas não tem importância; sobreviverá uma disenteria, e a toxina será eliminada."... Tivemos também pronta consciência da origem da infecção. Não muito antes, quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção de um preparado de propil, propilos... ácido propiônico... trimetilamina (e eu via diante de mim a fórmula desse preparado, impressa em grossos caracteres)... Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impensada... E, provavelmente, a seringa não estava limpa.

Esse sonho tem uma vantagem sobre muitos outros. Ficou logo claro quais os fatos do dia anterior que haviam fornecido seu ponto de partida. Meu preâmbulo torna isso evidente. A notícia que Otto me dera sobre o estado de Irma e o caso clínico que eu me empenhara em redigir até altas horas da noite haviam continuado a ocupar minha atividade mental mesmo depois de eu adormecer. Não obstante, ninguém que tivesse apenas lido o preâmbulo e o próprio conteúdo do sonho poderia ter a menor idéia do que este significava. Eu mesmo não fazia nenhuma idéia. Fiquei atônito com os sintomas de que Irma se queixou comigo no sonho, já que não eram os mesmos pelos quais eu a havia tratado. Sorri ante a idéia absurda de uma injeção de ácido propiônico e ante as reflexões consoladoras do Dr. M. Em sua parte final, o sonho me pareceu mais obscuro e condensado do que no início. Para descobrir o sentido de tudo isso, foi necessário proceder a uma análise detalhada.

ANÁLISE

O salão — numerosos convidados a quem estávamos recebendo. Passávamos aquele verão em Bellevue, numa casa que se erguia sozinha numa das colinas contíguas a Kahlenberg.⁽¹⁾ A casa fora anteriormente projetada como um local de entretenimento e, por conseguinte, suas salas de recepção eram inusitadamente altas e semelhantes a grandes salões. Foi em Bellevue que tive o sonho, poucos dias antes do aniversário de minha mulher. Na véspera, ela me dissera que esperava que alguns amigos, inclusive Irma, viessem visitar-nos no dia de seu aniversário. Assim, meu sonho estava prevendo essa ocasião: era aniversário de minha mulher, e diversos convidados, inclusive Irma, estavam sendo recebidos por nós no grande salão em Bellevue.

(1) [Uma colina que é um ponto predileto de turismo nas imediações de Viena.]

Repreendi Irma por não haver aceito minha solução; disse: "Se você ainda sente dores, a culpa é sua." Poderia ter-lhe dito isso na vida de vigília, e talvez o tenha realmente feito. Era minha opinião, na época (embora desde então a tenha reconhecido como errada), que minha tarefa estava cumprida no momento em que eu informava ao paciente o sentido oculto de seus sintomas: não me considerava responsável por ele aceitar ou não a solução — embora fosse disso que dependia o sucesso. Devo a esse erro, que agora felizmente corrijo, o fato de minha vida ter-se tornado mais fácil numa ocasião em que, apesar de toda a minha inevitável ignorância, esperava-se que eu produzisse sucessos terapêuticos. — Notei, contudo, que as palavras que dirigi a Irma no sonho indicavam que eu estava especialmente aflito por não ser responsável pelas dores que ela ainda sentia. Se fossem culpa dela, não poderiam ser minha culpa. Seria possível que a finalidade do sonho tivesse esse sentido?

Queixa de Irma: dores na garganta, abdômen e estômago; isso a estava sufocando. As dores de estômago estavam entre os sintomas de minha paciente, mas não tinham muito destaque; ela se queixava mais de sensações de náusea e repulsa. As dores na garganta e no abdômen, assim como a constrição da garganta, quase não participavam de sua doença. Fiquei sem saber porque teria optado pela escolha desses sintomas no sonho, mas não pude pensar numa explicação no momento.

Ela parecia pálida e inchada. Minha paciente sempre tivera uma aparência corada. Comecei a desconfiar que ela estivesse substituindo outra pessoa.

Fiquei alarmado com a idéia de não haver percebido alguma doença orgânica. Isso, como bem se pode acreditar, constitui uma fonte perene de angústia para um especialista cuja clínica é quase que limitada a pacientes neuróticos e que tem o hábito de atribuir à histeria um grande número de sintomas que outros médicos tratam como orgânicos. Por outro lado, uma ligeira dúvida infiltrou-se em minha mente — vinda não sei de onde — no sentido de que meu receio não era inteiramente autêntico. Se as dores de Irma tivessem uma base orgânica, também nesse aspecto eu não poderia ser responsabilizado por sua cura; meu tratamento visava apenas a eliminar as dores *histéricas*. Ocorreu-me, de fato, que eu estava realmente *desejando* que tivesse havido um diagnóstico errado, pois, se assim fosse, a culpa por minha falta de êxito também estaria eliminada.

Levei-a até à janela para examinar-lhe a garganta. Ela mostrou alguma resistência, como fazem as mulheres com dentaduras postiças. Pensei comigo mesmo que realmente não havia necessidade de ela fazer aquilo. Eu nunca tivera nenhuma oportunidade de examinar a cavidade bucal de Irma. O que ocorreu no sonho fez-me lembrar um exame que eu efetuara algum tempo antes numa governanta: à primeira vista, ela parecera a imagem da beleza juvenil, mas, quando chegou o momento de abrir a boca, ela tomou providências para ocultar suas chapas. Isso levou a lem-

branças de outros exames médicos e de pequenos segredos revelados no decurso dos mesmos — sem que isso satisfizesse a nenhuma das partes. "*Não havia realmente necessidade de ela fazer aquilo*" tencionava, sem dúvida, em primeiro lugar, ser um cumprimento a Irma; mas desconfiei de que teria outro sentido além desse. (Quando se procede atentamente a uma análise, tem-se a sensação de haver ou não esgotado todos os pensamentos antecedentes esperáveis.) A forma pela qual Irma postou-se à janela me fez de repente recordar outra experiência. Irma tinha uma amiga íntima de quem eu fazia uma opinião muito elevada. Quando visitei essa senhora certa noite, encontrei-a perto de uma janela na situação reproduzida no sonho, e seu médico, o mesmo Dr. M., dissera que ela apresentava uma membrana diftérica. A figura do Dr. M. e a membrana reaparecem posteriormente no sonho. Ocorreu-me então que, nos últimos meses, eu tivera todos os motivos para supor que essa outra senhora também fosse histérica. Na verdade, a própria Irma me revelara involuntariamente esse fato. Que sabia eu de seu estado? Uma coisa, precisamente: que, tal como a Irma de meu sonho, ela sofria de sufocação histérica. Assim, no sonho, eu substituíra minha paciente por sua amiga. Recordei-me, então, de que muitas vezes me entretivera com a idéia de que também ela pudesse pedir-me que a aliviasse de seus sintomas. Eu próprio, contudo, julgara isso improvável, visto que ela era de natureza muito reservada. Era *resistente*, como apareceu no sonho. Outra razão era que *não havia necessidade de ela fazer aquilo*: até então, mostrara-se forte o bastante para manejar seu estado sem nenhuma ajuda externa. Restavam ainda algumas características que eu não podia atribuir nem a Irma, nem a sua amiga: *pálida; inchada; dentes postiços*. Os dentes postiços levaram-me à governanta que já mencionei; sentia-me agora inclinado a me contentar com dentes *estragados*. Pensei então numa outra pessoa à qual essas características poderiam estar aludindo. Mais uma vez, não se tratava de uma de minhas pacientes, nem eu gostaria de tê-la como tal, pois havia observado que ela ficava acanhada em minha presença e não achava que pudesse vir a ser uma paciente acessível. Era geralmente pálida, e certa vez, quando estava gozando de ótima saúde, parecera inchada.⁽¹⁾ Portanto, eu estivera comparando minha paciente Irma com duas outras pessoas que também teriam sido resistentes ao tratamento. Qual poderia ter sido a razão de eu a haver trocado, no sonho, por sua amiga? Talvez fosse porque eu teria *gostado* de trocá-la: talvez sentisse mais simpatia por

(1) A queixa ainda não explicada, sobre as *dores no abdômen*, também foi rastreada até essa terceira figura. A pessoa em questão, é claro, era minha própria esposa; as dores no abdômen fizeram-me lembrar uma das ocasiões em que eu havia notado seu acanhamento. Fui forçado a admitir para mim mesmo que não estava tratando nem Irma nem minha mulher com muita gentileza nesse sonho, mas convém observar, à guisa de desculpa, que eu estava medindo ambas pelo padrão da paciente boa e acessível.

sua amiga, ou tivesse uma opinião mais elevada sobre a inteligência dela, pois Irma me parecera tola por não haver aceito minha solução. Sua amiga teria sido mais sensata, isto é, teria cedido mais depressa. Assim, teria aberto a boca como devia e me dito mais coisas do que Irma.⁽¹⁾

O que vi em sua garganta: uma placa branca e os ossos turbinados recobertos de crostas. A placa branca fez-me lembrar a difterite, e portanto a amiga de Irma, mas lembrou-me também uma doença grave de minha filha mais velha, quase dois anos antes, e o susto por que passei naqueles dias aflitivos. As crostas nos ossos turbinados fizeram-me recordar uma preocupação sobre meu próprio estado de saúde. Nessa época, eu vinha fazendo uso freqüente da cocaína para reduzir algumas incômodas inchações nasais, e ficara sabendo, alguns dias antes, que uma de minhas paciente, que seguira meu exemplo, desenvolvera uma extensa necrose da membrana mucosa nasal. Eu lora o primeiro a recomendar o emprego da cocaína, em 1885,⁽²⁾ e essa recomendação trouxera sérias recriminações contra mim. O uso indevido dessa droga havia apressado a morte de um grande amigo meu. Isso ocorrera antes de 1895 [a data do sonho].

Chamei imediatamente o Dr. M., e ele repetiu o exame. Isso correspondia simplesmente à posição ocupada por M. em nosso círculo. Mas o "imediatamente" foi curioso o bastante para exigir uma explicação especial.⁽³⁾ Fez-me lembrar um evento trágico em minha clínica. Certa feita, eu havia provocado um grave estado tóxico numa paciente, receitando repetidamente o que, na época, era considerado um remédio inofensivo (sulfonal), e recorrera às pressas à assistência e ao apoio de meu colega mais experiente. Havia um detalhe adicional que confirmou a idéia de que eu tinha esse incidente em mente. Minha paciente — que sucumbiu ao veneno — tinha o mesmo nome que minha filha mais velha. Isso nunca me ocorrera antes, mas me pareceu agora quase que um ato de retaliação do destino. Era como se a substituição de uma pessoa por outra devesse prosseguir noutro sentido: esta Mathilde por aquela Mathilde, olho por olho e dente por dente. Era como se eu viesse coligindo todas as

(1) [Tive a sensação de que a interpretação dessa parte do sonho não foi suficientemente desenvolvida para possibilitar o entendimento de todo o seu sentido oculto. Se tivesse prosseguido em minha comparação entre as três mulheres, ela me teria levado muito longe. — Existe pelo menos um ponto em todo sonho no qual ele é insondável — um umbigo, por assim dizer, que é seu ponto de contato com o desconhecido. [Cf. pág. 482.]

(2) [Esse é um erro de impressão (que ocorre em todas as edições alemãs) que alterou o ano de "1884", data do primeiro artigo de Freud sobre a cocaína. Uma exposição completa do trabalho de Freud em relação à cocaína pode ser encontrada no Capítulo VI do primeiro volume da biografia de Freud de autoria de Ernest Jones. Dali se depreende que o "caro amigo" era Fleischl von Marxow (ver pág. 445 n.). Outras alusões indiretas a esse episódio serão encontradas nas págs. 180 e seg., 210, 220 e 447.]

(3) [Ver adiante, pág. 471 e seg.]

ocasiões de que podia me acusar como prova de falta de conscienciosidade médica.

O Dr. M. estava pálido, tinha o queixo bem escanhado e claudicava ao andar. Isso era verdade apenas na medida em que sua aparência doentia costumava deixar aflitos os seus amigos. As duas outras características só podiam aplicar-se a outra pessoa. Pensei em meu irmão mais velho, que mora no exterior, tem o rosto escanhado e com quem, se bem me recordo, o M. do sonho se parecia muito. Tínhamos recebido notícias, alguns dias antes, de que ele estava puxando de uma perna em virtude de uma infecção artrítica no quadril. Devia ter havido alguma razão, refleti, para que eu fundisse essas duas figuras numa só no sonho. Lembrei-me então de que tinha uma razão semelhante para estar mal-humorado com cada um deles: ambos haviam rejeitado certa sugestão que eu lhes fizera havia pouco tempo.

Meu amigo Otto estava agora de pé ao lado da paciente, e meu amigo Leopold a examinava e indicava que havia uma área surda bem abaixo, à esquerda. Meu amigo Leopold era também médico e parente de Otto. Como ambos se haviam especializado no mesmo ramo da medicina, era seu destino competirem um com o outro, e freqüentemente se traçavam comparações entre eles. Ambos haviam trabalhado como meus assistentes durante anos, quando eu ainda chefiava o departamento de neurologia para pacientes externos de um hospital infantil.⁽¹⁾ Cenas como a representada no sonho muitas vezes ocorreram ali. Enquanto eu discutia o diagnóstico de um caso com Otto, Leopold examinava a criança mais uma vez e fazia alguma contribuição inesperada para nossa decisão. A diferença entre o caráter de ambos era como a existente entre o meirinho Bräsig e seu amigo Karl⁽²⁾: um se destacava por sua rapidez, ao passo que o outro era lento, porém seguro. Se no sonho eu estabelecia um contraste entre Otto e o prudente Leopold, evidentemente o fazia em favor do segundo. A comparação era semelhante à que eu fazia entre minha desobediente paciente Irma e sua amiga, que eu considerava mais sensata do que ela. Percebia então outra das linhas ao longo das quais se ramificava a cadeia de pensamentos no sonho: da criança doente para o hospital infantil. — A área surda bem abaixo, à esquerda parecia-me coincidir em todos os detalhes com um caso específico em que Leopold me impressionara por sua meticulosidade. Tive também uma idéia vaga sobre algo da ordem de uma afecção metastática, mas isso também pode ter sido uma referência à paciente que eu gostaria de ter em lugar de Irma. Até onde eu pudera julgar, ela havia produzido uma imitação de tuberculose.

(1) [Quanto a detalhes sobre esse hospital, ver a Seção II da introdução de Kris à correspondência de Fliess (Freud, 1950a).]

(2) [Os dois personagens principais do outrora popular romance *Ut mine Stromtid*, escrito no dialeto de Mecklenburg por Fritz Reuter (1862-4). Existe uma tradução inglesa, *An Old Story of my Farming Days* (Londres, 1878).]

Uma parte da pele do ombro esquerdo estava infiltrada. Vi imediatamente que isso era o reumatismo em meu próprio ombro, que observo invariavelmente quando fico acordado até altas horas da noite. Além disso, as palavras do sonho eram muito ambíguas: "Notei isso, tal como ele..." Ou seja, notei-o em meu próprio corpo. Impressionou-me também o enunciado incomum: "uma parte da pele estava infiltrada". Estamos habituados a falar em "infiltração pósterio-superior esquerda", o que se referia ao pulmão e, portanto, mais uma vez, à tuberculose.

Apesar de seu vestido. Isso, de qualquer modo, fora apenas uma interpolação. Naturalmente, costumávamos examinar as crianças no hospital despidas: e isso seria um contraste com a maneira como as pacientes adultas têm que ser examinadas. Lembrei que se dizia de um famoso clínico que ele jamais fizera um exame físico de seus pacientes a não ser através das roupas. Não consegui ver nada além disso. E francamente, não senti nenhum desejo de penetrar mais a fundo nesse ponto.

O Dr. M. disse: "É uma infecção, mas não tem importância. Sobrevirá uma disenteria e a toxina será eliminada." A princípio, isso me pareceu ridículo. Não obstante, como todo o resto, tinha que ser analisado com cuidado. Quando passei a investigar mais de perto, pareceu-me ter uma espécie de sentido, apesar de tudo. O que descobri na paciente foi uma difterite local. Lembrei-me de uma discussão, na época da doença de minha filha, sobre difterite e difteria, sendo esta a infecção geral que decorre da difterite local. Leopold indicara a presença de uma infecção geral dessa natureza a partir da existência de uma área surda, que assim poderia ser considerada como um foco metastático. Eu parecia pensar, é verdade, que essas metástases de fato não ocorrem com a difteria: aquilo me fazia pensar, antes, em piemia.

Não tem importância. Isso foi dito como consolo. Parecia ajustar-se da seguinte forma no contexto: o conteúdo da parte precedente do sonho fora que as dores de minha paciente eram decorrentes de uma grave infecção orgânica. Tive a sensação de que, dessa maneira, eu estava apenas tentando desviar a culpa de mim mesmo. O tratamento psicológico não podia ser responsabilizado pela persistência de dores diftericas. Não obstante, experimentei uma sensação de constrangimento por ter inventado uma moléstia tão grave para Irma, apenas para me inocentar. Parecia cruel demais. Assim, precisava de uma certeza de que no fim tudo ficaria bem, e me pareceu que colocar as palavras de consolo precisamente na boca do Dr. M. não fora má escolha. Assim sendo, porém, eu estava adotando uma atitude superior em relação ao sonho, e isso, por si só exigia explicação.

E por que o consolo era tão disparatado?

Disenteria. Parecia haver alguma idéia teórica remota de que o material mórbido pode ser eliminado pelos intestinos. Seria possível que eu estivesse tentando zombar do espírito fértil do Dr. M. na produção de explicações artificiais e no estabelecimento de ligações patológicas inespera-

das? Ocorreu-me então outra coisa relacionada com a disenteria. Alguns meses antes, eu aceitara o caso de um rapaz com extremas dificuldades associadas à defecação, que fora tratado por outros médicos como um caso de "anemia acompanhada de desnutrição". Eu havia identificado o caso como histeria, mas não me sentira disposto a tentar nele meu tratamento psicoterápico e o mandara fazer uma viagem marítima. Alguns dias antes, recebera dele uma carta desesperadora, enviada do Egito, dizendo que ali tivera um novo ataque e que um médico declarara tratar-se de disenteria. Suspeitei que o diagnóstico fosse um erro, por parte de um clínico inexperiente que se deixara enganar pela histeria. Mas não pude deixar de me recriminar por haver colocado meu paciente numa situação em que poderia ter contraído algum mal orgânico além de seu distúrbio intestinal histerico. Além disso, "disenteria" não soa muito diferente de "difteria" — palavra de mau agouro que não ocorreu no sonho.⁽¹⁾

Sim, pensei comigo mesmo, devo ter zombado do Dr. M. por meio do prognóstico consolador: "Sobrevirá uma disenteria, etc.", pois voltou a me ocorrer que, anos antes, ele próprio me contara uma história divertida de natureza semelhante sobre outro médico. O Dr. M. fora convocado por ele para dar um parecer sobre um paciente gravemente enfermo, e se sentira obrigado a salientar, em virtude da visão muito otimista assumida por seu colega, que encontrara albumina na urina do paciente. O outro, porém, não se dera absolutamente por achado: "Não tem importância", dissera, "a albumina logo será eliminada!" — Não pude mais sentir nenhuma dúvida, portanto, de que essa parte do sonho expressava desprezo pelos médicos que não conhecem a histeria. E, como que para confirmar isso, outra idéia cruzou-me a mente: "Será que o Dr. M. se apercebe de que os sintomas de sua paciente (a amiga de Irma) que dão margem ao fervor da tuberculose também têm uma base histerica? Terá ele identificado essa histeria? Ou será que se deixou levar por ela?"

Mas qual poderia ser minha motivação para tratar tão mal esse meu amigo? A questão era muito simples. O Dr. M. concordava tão pouco com minha "solução" quanto a própria Irma. Assim, nesse sonho eu já me havia vingado de duas pessoas: de Irma, com as palavras "Se você ainda sente dores, a culpa é toda sua", e do Dr. M., com o enunciado do consolo absurdo que pus em sua boca.

Tivemos pronta consciência da origem da infecção. Esse conhecimento instantâneo no sonho foi notável. Só que, pouco antes, não tínhamos tido nenhum conhecimento disso, pois a infecção só foi revelada por Leopold.

Quando ela não estava se sentindo bem, meu amigo Otto lhe aplicara uma injeção. Otto efetivamente me contara que, durante sua curta estada com a família de Irma, fora chamado a um hotel das imediações para aplicar uma injeção em alguém que de repente se sentira mal. Essas inje-

(1) [As palavras alemãs "Dysenterie" e "Diphtherie" são mais semelhantes do que os termos correspondentes em inglês.]

ções me fizeram recordar mais uma vez meu infeliz amigo que se envenenara com cocaína [ver pág. 132n2]. Eu o havia aconselhado a só usar a droga internamente [isto é, por via oral], enquanto a morfina era retirada; mas ele de imediato se aplicara injeções de cocaína.

Um preparado de propil... propilos... ácido propiônico. Como teria eu chegado a pensar nisso? Na noite anterior, antes de eu redigir o caso clínico e ter o sonho, minha mulher abriu uma garrafa de licor na qual aparecia a palavra "Ananas"⁽¹⁾ e que fora um presente de nosso amigo Otto, pois ele tem o hábito de dar presentes em todas as ocasiões possíveis. Seria de se esperar, pensei comigo mesmo, que ele algum dia encontrasse uma esposa para curá-lo desse hábito.⁽²⁾ O licor exalava um cheiro tão acentuado de álcool amílico que me recusei a tocá-lo. Minha mulher sugeriu que dêssemos a garrafa aos criados, mas eu — com prudência ainda maior — vetei a sugestão, acrescentando, com espírito filantrópico, que não havia necessidade de eles serem envenenados tampouco. O cheiro de álcool amílico (amil...) evidentemente avivou em minha mente a lembrança de toda a seqüência — propil, metil, e assim por diante — e isso explicava o preparado propílico no sonho. É verdade que efetuei uma substituição no processo: sonhei com propilo depois de ter cheirado amila. Mas as substituições dessa natureza talvez sejam válidas na química orgânica.

Trimetilamina. Vi a fórmula química dessa substância em meu sonho, o que testemunha um grande esforço por parte de minha memória. Além disso, a fórmula estava impressa em negrito, como se tivesse havido um desejo de dar ênfase a alguma parte do contexto como algo de importância muito especial. Para que era, então, que minha atenção deveria ser assim dirigida pela trimetilamina? Para uma conversa com um outro amigo, que há muitos anos se familiarizara com todos os meus escritos, durante a fase em que eram gerados, tal como eu me familiarizara com os dele.⁽³⁾ Na época, ele me havia confiado algumas idéias sobre a questão da química dos processos sexuais e mencionara, entre outras coisas, acreditar que um dos produtos do metabolismo sexual era a trimetilamina. Assim, essa substância me levava à sexualidade, fator ao qual eu atribuía máxima importância na origem dos distúrbios nervosos cuja cura era o meu objetivo.

(1) Devo acrescentar que o som da palavra "Ananas" tem notável semelhança com o sobrenome de Irma, minha paciente.

(2) [Nota de rodapé acrescentada em 1909, mas omitida de novo a partir de 1925:] Nesse sentido, o sonho não se revelou profético. Mas o foi num outro sentido, pois as dores gástricas "não solucionadas" de minha paciente, pelas quais eu estava tão aflito em não ser responsabilizado, mostraram-se precursoras de um grave distúrbio provocado por cálculos biliares.

(3) [Essa pessoa era Wilhelm Fliess, o biólogo e rinolaringologista de Berlim, que exerceu grande influência sobre Freud durante os anos que precederam imediatamente a publicação deste livro, e que figura com frequência, embora, em geral, no anonimato, em suas páginas. Ver Freud (1950a).]

Minha paciente, Irma, era uma jovem viúva; se eu quisesse encontrar uma desculpa para o fracasso de meu tratamento em seu caso, aquilo a que melhor poderia recorrer era, sem dúvida, o fato de sua viuvez, que os amigos dela ficariam tão contentes em ver modificado. E quão estranhamente, pensei comigo mesmo, compõe-se um sonho como esse! A outra mulher, que eu tinha como paciente no sonho em lugar de Irma, era também uma jovem viúva.

Comecei a imaginar por que a fórmula da trimetilamina teria sido tão destacada no sonho. Numerosos assuntos importantes convergiam para aquela única palavra. A trimetilamina era uma alusão não só ao fator imensamente poderoso da sexualidade, como também a uma pessoa cuja concordância eu recordava com prazer sempre que me sentia isolado em minhas opiniões. Com certeza, esse amigo, que desempenhou papel tão relevante em minha vida, deveria reaparecer em outros pontos desses fluxos de pensamentos. Sim, pois ele tinha um conhecimento especial das conseqüências das afecções do nariz e de suas cavidades acessórias, e chamara a atenção do mundo científico para algumas notáveis relações entre os ossos turbinais e os órgãos sexuais femininos. (Cf. as três estruturas recurvadas na garganta de Irma.) Eu tomara providências para que Irma fosse examinada por ele, para ver se suas dores gástricas poderiam ser de origem nasal. Mas ele próprio sofria de rinite supurativa, o que me causava angústia; e houve sem dúvida uma alusão a isso na piemia que me ocorreu vagamente em relação às metástases do sonho.⁽¹⁾

Injeções como essas não deveriam ser aplicadas de forma tão impen-sada. Aqui, uma acusação de irreflexão era feita diretamente contra meu amigo Otto. Pareceu-me recordar ter pensado em qualquer coisa da mesma natureza naquela tarde, quando as palavras e a expressão dele pareceram demonstrar que estava tomando partido contra mim. Fora uma idéia mais ou menos assim: "Com que facilidade os pensamentos dele são influenciados! Com que descaso ele tira conclusões apressadas!" — Independentemente disso, essa frase no sonho lembrou-me mais uma vez meu amigo morto, que com tanta pressa recorrera a injeções de cocaína. Como já tive ocasião de dizer, eu nunca havia considerado a idéia de que a droga fosse ministrada por injeções. Notei também que, ao acusar Otto de irreflexão no manuseio de substâncias químicas, eu estava mais uma vez aludindo à história da infeliz Mathilde, que dera margem à mesma acusação contra mim. Aqui, eu estava evidentemente reunindo exemplos de minha conscienciosidade, mas também do inverso.

E, provavelmente, a seringa não estava limpa. Essa era mais uma acusação contra Otto, porém derivada de uma fonte diferente. Ocorre que,

(1) [A análise dessa parte do sonho é mais extensamente desenvolvida adiante (pág. 285 e seg.). Já fora utilizada por Freud como um exemplo do mecanismo do deslocamento, na Seção 21 da Parte I de seu artigo "Projeto para uma Psicologia Científica", escrito no outono de 1895 e impresso como um Apêndice a Freud (1950a).]

na véspera, eu encontrara por acaso o filho de uma velhinha de oitenta e dois anos em quem eu tinha que aplicar uma injeção de morfina duas vezes ao dia.⁽¹⁾ No momento, ela se encontrava no campo e, disse-me o filho, estava sofrendo de flebite. Eu logo pensara que deveria ser uma infiltração provocada por uma seringa suja. Orgulhava-me do fato de, em dois anos, não haver causado uma única infiltração; empenhava-me constantemente em me certificar de que a seringa estava limpa. Em suma, eu era consciencioso. A flebite remeteu-me mais uma vez a minha mulher, que sofrera de trombose durante uma das vezes em que estava grávida, e então me vieram à lembrança três situações semelhantes, envolvendo minha esposa, Irma e a falecida Mathilde. A identidade dessas situações evidentemente me permitira, no sonho, substituir as três figuras entre si.

Acabo de concluir a interpretação do sonho.⁽²⁾ Enquanto a efetuava, tive certa dificuldade em manter à distância todas as idéias que estavam fadadas a ser provocadas pela comparação entre o conteúdo do sonho e os pensamentos ocultos por trás dele. Entrementes, compreendi o "sentido" do sonho. Tomei consciência de uma intenção posta em prática pelo sonho e que deveria ter sido meu motivo para sonhá-lo. O sonho realizou certos desejos provocados em mim pelos fatos da noite anterior (a notícia que me foi dada por Otto e minha redação do caso clínico). Em outras palavras, a conclusão do sonho foi que eu não era responsável pela persistência das dores de Irma, mas sim Otto. De fato, Otto me aborrecera com suas observações sobre a cura incompleta de Irma, e o sonho me proporcionou minha vingança, devolvendo a reprimenda a ele. O sonho me eximiu da responsabilidade pelo estado de Irma, mostrando que este se devia a outros fatores — e produziu toda uma série de razões. O sonho representou um estado de coisas específico, tal como eu desejaria que fosse. Assim, seu conteúdo foi a realização de um desejo, e seu motivo foi um desejo.

Tudo isso saltou aos olhos. Mas, muitos dos detalhes do sonho também se tornaram inteligíveis para mim do ponto de vista da realização de desejos. Não só me vinguei de Otto por se apressar demais em tomar partido contra mim, representando-o como apressado demais em seu tratamento médico (ao aplicar a injeção), como também me vinguei dele por ter-me dado o licor que tinha cheiro de álcool amílico. E, no sonho, encontrei uma expressão que ligava as duas reprimendas: a injeção era um preparado de propil. Isso não me satisfaz; e levei minha vingança mais longe, estabelecendo um contraste entre ele e seu concorrente mais digno de confiança. Eu parecia estar dizendo: "Gosto mais dele que de

(1) [Essa senhora aparece com frequência nos escritos de Freud desse período. Ver adiante, pág. 238 e *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901b), Capítulo VIII (b e g) e Capítulo XII (Cb). Sua morte é mencionada numa carta a Fliess de 8 de julho de 1901 (Freud, 1950a, Carta 145).]

(2) [Nota de rodapé acrescentada em 1909:] Embora se perceba que não relatei tudo o que me ocorreu durante o processo de interpretação.

você." Mas Otto não foi a única pessoa a sofrer os efeitos de minha ira. Vinguei-me também de minha paciente desobediente, trocando-a por outra mais sensata e menos resistente. Também não permiti que o Dr. M. escapasse às consequências de sua contradição, mas lhe mostrei, por meio de uma alusão clara, que ele era um ignorante no assunto ("*Sobrevirá uma disenteria*, etc."). Com efeito, eu parecia estar lhe voltando as costas para recorrer a alguém dotado de maiores conhecimentos (a meu amigo que me falara da trimetilamina), tal como me voltara de Irma para sua amiga e de Otto para Leopold. "Levem essa gente daqui! Em vez deles dêem-me três outros de minha escolha! Então ficarei livre dessas recriminações imerecidas!" A falta de fundamento das recriminações me foi provada no sonho de maneira extremamente complexa. Eu não merecia a culpa pelas dores de Irma, já que ela própria era culpada, por se recusar a aceitar minha solução. Eu não tinha nada a ver com as dores de Irma, já que eram de natureza orgânica e totalmente incuráveis pelo tratamento psicológico. As dores de Irma podiam ser satisfatoriamente explicadas por sua viuvez (cf. a trimetilamina), que eu não tinha meios de alterar. As dores de Irma tinham sido provocadas pelo fato de Otto ter-lhe aplicado, sem a devida cautela, uma injeção de uma droga inadequada — coisa que eu nunca teria feito. As dores de Irma eram o resultado de uma injeção com agulha suja, tal como a flebite da velhinha de quem eu cuidava — ao passo que eu nunca provoquei nenhum dano com minhas injeções. Notei, é verdade, que essas explicações das dores de Irma (que contribuíam para me isentar de culpa) não eram inteiramente compatíveis entre si e, a rigor, eram mutuamente excludentes. Toda a apelação — pois o sonho não passara disso — lembrava com nitidez a defesa apresentada pelo homem acusado por um de seus vizinhos de lhe haver devolvido danificada uma chaleira tomada de empréstimo. O acusado asseverou, em primeiro lugar, ter devolvido a chaleira em perfeitas condições; em segundo, que a chaleira tinha um buraco quando a tomara emprestada; e, em terceiro, que jamais pedira emprestada uma chaleira a seu vizinho. Tanto melhor: se apenas uma dessas três linhas de defesa fosse aceita como válida, o homem teria que ser absolvido.⁽¹⁾

Alguns outros temas, que não estavam ligados de forma tão evidente a minha absolvição pela doença de Irma, desempenharam seu papel no sonho: a doença de minha filha e a de minha paciente do mesmo nome, o efeito prejudicial da cocaína, o distúrbio de meu paciente que se encontrava em viagem pelo Egito, minha preocupação com a saúde de minha mulher e de meu irmão e do Dr. M., meus próprios males físicos, e minha aflição por meu amigo ausente que sofria de rinite suprativa. Mas, ao considerar todas essas coisas, vi que podiam ser todas enfileiradas num

(1) [Essa anedota é discutida por Freud no Capítulo II, Seção 8, e Capítulo VII, Seção 2, de seu livro sobre os chistes (Freud, 1905c), sendo que, no segundo caso, está relacionada com o trecho acima.]

único grupo de idéias e rotuladas, por assim dizer, como "interesse por minha própria saúde e pela saúde de outras pessoas — conscienciosidade profissional". Veio-me à mente a obscura impressão desagradável que experimentara quando Otto me trouxe a notícia do estado de Irma. Esse grupo de idéias que haviam desempenhado um papel no sonho permitiu-me, retrospectivamente, traduzir em palavras aquela impressão passageira. Era como se ele me houvesse dito: "Você não leva seus deveres médicos com a devida seriedade. Você não é consciencioso; não cumpre o que se comprometeu a fazer." A partir daí, foi como se esse grupo de idéias se tivesse colocado a minha disposição, para que eu pudesse apresentar provas de como eu era extremamente consciencioso, da profundidade com que me interessava pela saúde de meus parentes, amigos e pacientes. Foi digno de nota o fato de que esse material também abrangesse algumas lembranças desagradáveis, que mais davam apoio à acusação de meu amigo Otto do que a minha própria defesa. O material era, como se poderia dizer, imparcial; mas, não obstante, havia uma ligação inconfundível entre esse grupo mais amplo de pensamentos subjacentes ao sonho e o tema mais restrito do sonho, que deu margem ao desejo de ser inocentado da doença de Irma.

Não tenho a pretensão de haver desvendado por completo o sentido desse sonho, nem de que sua interpretação esteja sem lacunas. Poderia dedicar muito mais tempo a ele, tirar dele outras informações e examinar novos problemas por ele levantados. Eu próprio conheço os pontos a partir dos quais outras linhas de raciocínio poderiam ser seguidas. Mas as considerações que surgem no caso de cada um de meus próprios sonhos me impedem de prosseguir em meu trabalho interpretativo. Se alguém se vir tentado a expressar uma condenação apressada de minha reticência, recomendo-lhe que faça a experiência de ser mais franco do que eu. No momento, estou satisfeito com a obtenção dessa parcela de novos conhecimentos. Se adotarmos o método de interpretação de sonhos que aqui indiquei, verificaremos que os sonhos têm mesmo um sentido e estão longe de constituir a expressão de uma atividade fragmentária do cérebro, como têm alegado as autoridades. *Quando o trabalho de interpretação se conclui, percebemos que o sonho é a realização de um desejo.*⁽¹⁾

(1) [Numa carta a Fliess, de 12 de junho de 1900 (Freud, 1950a, Carta 137), Freud descreve uma visita posterior a Bellevue, a casa onde tivera esse sonho. "Você supõe", escreve ele, "que algum dia uma plaqueta de mármore seja colocada na casa, tendo estas palavras gravadas? —

Nesta Casa, em 24 de Julho de 1895,
o Segredo dos Sonhos foi Revelado
ao Dr. Sigm. Freud

No momento, parece haver poucas perspectivas para isso."

CAPÍTULO VI

O TRABALHO DO SONHO⁽¹⁾

Todas as tentativas até hoje feitas de solucionar o problema dos sonhos têm lidado diretamente com seu conteúdo *manifesto*, tal como se apresenta em nossa memória. Todas essas tentativas esforçaram-se para chegar a uma interpretação dos sonhos a partir de seu conteúdo manifesto, ou (quando não havia qualquer tentativa de interpretação) por formar um juízo quanto à natureza deles com base nesse mesmo conteúdo manifesto. Somos os únicos a levar algo mais em conta. Introduzimos uma nova classe de material psíquico entre o conteúdo manifesto dos sonhos e as conclusões de nossa investigação: a saber, seu conteúdo *latente*, ou (como dizemos) os "pensamentos do sonho", obtidos por meio de nosso método. É desses pensamentos do sonho, e não do conteúdo manifesto de um sonho, que depreendemos seu sentido. Estamos, portanto, diante de uma nova tarefa que não tinha existência prévia, ou seja, a tarefa de investigar as relações entre o conteúdo manifesto dos sonhos e os pensamentos oníricos latentes, e de desvendar os processos pelos quais estes últimos se transformaram naquele.

Os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho nos são apresentados como duas versões do mesmo assunto em duas linguagens diferentes. Ou, mais apropriadamente, o conteúdo do sonho é como uma transcrição dos pensamentos oníricos em outro modo de expressão cujos caracteres e leis sintáticas é nossa tarefa descobrir, comparando o original e a tradução. Os pensamentos do sonho tornam-se imediatamente compreensíveis tão logo tomamos conhecimento deles. O conteúdo do sonho, por outro lado, é expresso, por assim dizer, numa escrita pictográfica cujos caracteres têm que ser individualmente transpostos para a linguagem dos pensamentos do sonho. Se tentássemos ler esses caracteres segundo seu valor pictórico, e não de acordo com sua relação simbólica, seríamos claramente induzidos ao erro. Suponhamos que eu tenha diante de mim um quebra-cabeças feito de figuras, um rébus. Ele retrata uma casa com um barco no telhado, uma letra solta do alfabeto, a figura de um homem correndo, com a cabeça misteriosamente desaparecida, e assim por diante. Ora, eu poderia ser erroneamente levado a fazer objeções e a declarar que o quadro como um todo, bem como suas partes integrantes, não fazem sentido. Um barco não tem nada que estar no telhado de uma casa e um homem sem cabeça não pode correr. Ademais, o homem é maior do que a casa e, se o quadro inteiro pretende representar uma paisagem, as letras do alfabeto estão deslocadas nele, pois esses objetos não ocorrem na natureza. Obviamente, porém, só

podemos fazer um juízo adequado do quebra-cabeças se pusermos de lado essas críticas da composição inteira e de suas partes, e se, em vez disso, tentarmos substituir cada elemento isolado por uma sílaba ou palavra que possa ser representada por aquele elemento de um modo ou de outro. As palavras assim compostas já não deixarão de fazer sentido, podendo formar uma frase poética de extrema beleza e significado. O sonho é um quebra-cabeças pictográfico desse tipo, e nossos antecessores no campo da interpretação dos sonhos cometeram o erro de tratar o rébus como uma composição pictórica, e como tal, ela lhes pareceu absurda e sem valor.

(1) [A Conferência XI das *Conferências Introdutórias* de Freud (1916-17) aborda o trabalho do sonho numa escala muito menos extensa.]

O TRABALHO DE CONDENSAÇÃO

A primeira coisa que se torna clara para quem quer que compare o conteúdo do sonho com os pensamentos oníricos é que ali se efetuou um trabalho de *condensação* em larga escala. Os sonhos são curtos, insuficientes e lacônicos em comparação com a gama e riqueza dos pensamentos oníricos. Se um sonho for escrito, talvez ocupe meia página. A análise que expõe os pensamentos oníricos subjacentes a ele poderá ocupar seis, oito ou doze vezes mais espaço. Essa relação varia com os diferentes sonhos, mas, até onde vai minha experiência, sua direção nunca varia. Em regra geral, subestima-se o volume de compreensão ocorrido, pois fica-se inclinado a considerar os pensamentos do sonho trazidos à luz como o material completo, ao passo que, se o trabalho de interpretação for levado mais adiante, poderá revelar ainda mais pensamentos ocultos por trás do sonho. Já tive ocasião de assinalar [cf. pág. 221 e seg.] que, de fato, nunca é possível ter certeza de que um sonho foi completamente interpretado.⁽¹⁾ Mesmo que a solução pareça satisfatória e sem lacunas, resta sempre a possibilidade de que o sonho tenha ainda outro sentido. Rigorosamente falando, portanto, é impossível determinar o volume de condensação.

Há uma resposta, que à primeira vista parece extremamente plausível ao argumento de que a grande desproporção entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho implica que o material psíquico passou por um extenso processo de condensação no curso da formação do sonho. Temos muitas vezes a impressão de que sonhamos muito durante toda a noite e depois nos esquecemos da maior parte do que foi sonhado. Sob esse ponto de vista, o sonho que recordamos ao acordar seria apenas um remanescente fragmentário de todo o trabalho do sonho, e este, se pudéssemos recordá-lo em sua totalidade, bem poderia ser tão extenso quanto os pensamentos oníricos. Há sem dúvida alguma verdade nisso: os sonhos certamente podem ser reproduzidos com a máxima exatidão se tentarmos lembrá-los tão logo acordamos, e de que nossa lembrança deles se torna cada vez mais incompleta à medida que se aproxima a noite. Mas, por outro lado, é possível mostrar que a impressão de termos sonhado muito mais do que podemos reproduzir baseia-se, muitas vezes, numa ilusão, cuja origem examinarei depois. [Cf. págs. 452 e 475.] Além disso, a hipótese de que a condensação ocorre durante o trabalho do sonho não é afetada pela possibilidade de os sonhos serem esquecidos, uma vez que a correção dessa hipótese é comprovada pela quantidade de representações que se relacionam com cada fragmento individual retido do sonho. Mesmo supondo que grande parte do

sonho tenha escapado à lembrança, isso pode apenas ter impedido que tivéssemos acesso a outro grupo de pensamentos do sonho. Não há justificativa para supor que os fragmentos perdidos do sonho teriam relação com os mesmos pensamentos que já obtivemos a partir dos fragmentos do sonho que sobreviveram.⁽¹⁾

Em vista do imenso número de associações produzidas na análise para cada elemento individual do conteúdo de um sonho, alguns leitores poderão ser levados a questionar se, por princípio, é justificável considerarmos como parte dos pensamentos do sonho todas as associações que nos ocorrem durante a análise subsequente — se é justificável, em outras palavras, supormos que todos esses pensamentos já estavam ativos durante o estado de sono e desempenharam algum papel na formação do sonho. Não será mais provável que tenham surgido no decorrer da análise novas cadeias de idéias que não tiveram nenhuma participação na formação do sonho? Só posso dar assentimento parcial a essa argumentação. Sem dúvida é verdade que algumas cadeias de idéias surgem pela primeira vez durante a análise. Mas em todos esses casos podemos convencer-nos de que essas novas ligações só se estabelecem entre idéias que já estavam ligadas de alguma outra forma nos pensamentos do sonho.⁽²⁾ As novas ligações são, por assim dizer, circuitos fechados ou curtos-circuitos possibilitados pela existência de outras vias de ligação mais profundas. Deve-se admitir que a grande maioria das idéias que são reveladas na análise já estava em ação durante o processo de formação do sonho, uma vez que, depois de se elaborar uma sucessão de idéias que parecem não ter qualquer ligação com a formação de um sonho, de repente se esbarra numa idéia que está representada em seu conteúdo e que é indispensável para sua interpretação, mas que não poderia ter sido alcançada senão por essa linha específica de abordagem. Posso aqui recordar o sonho da monografia de botânica [págs. 180 e segs.], que dá a impressão de ser produto de um surpreendente volume de condensação, muito embora eu não tenha relatado sua análise integralmente.

Como, então, devemos retratar as condições psíquicas durante o período de sono que precede os sonhos? Estarão todos os pensamentos do sonho presentes, um ao lado do outro? Ou será que ocorrem em seqüência? Ou haverá diversas cadeias de idéias partindo simultaneamente de centros diferentes e depois se unindo? Em minha opinião, não há necessidade, no momento, de formar qualquer representação plástica sobre as condições psíquicas no decorrer da formação dos sonhos. Não se deve esquecer, porém, que

(1) [Nota de rodapé acrescentada em 1914:] A ocorrência da condensação nos sonhos tem sido sugerida por muitos autores. Du Prel (1885, 85) tem um trecho em que diz estar absolutamente certo de que houve um processo de condensação dos grupos de representações nos sonhos.

(2) [Essa questão é mencionada novamente na pág. 300 e examinada muito mais amplamente na última parte da Seção A do Capítulo VII (pág. 483 e seg.) Ver especialmente pág. 487.]

(1) [Esse tema é extensamente examinado em Freud, 1925i, Seção A.]

estamos lidando com um processo *inconsciente* de pensamento, que pode diferir com facilidade do que percebemos durante a reflexão intencional acompanhada pela consciência.

Persiste o fato inegável, contudo, de que a formação dos sonhos baseia-se num processo de condensação. Como se dá essa condensação?

Ao refletirmos que somente uma pequena minoria de todos os pensamentos oníricos revelados é reproduzida no sonho por um de seus elementos de representação, poderíamos concluir que a condensação se apresenta por *omissão*: quer dizer, que o sonho não é uma tradução fiel ou uma projeção ponto por ponto dos pensamentos do sonho, mas uma versão altamente incompleta e fragmentária deles. Essa visão, como logo descobriremos, é extremamente inadequada. Mas podemos tomá-la como um ponto de partida provisório e passar para uma outra questão. Se apenas alguns elementos dos pensamentos do sonho conseguem penetrar no conteúdo do sonho, quais são as condições que determinam sua seleção?

Para que lancemos alguma luz sobre essa questão, devemos voltar nossa atenção para os elementos do conteúdo do sonho que devem ter preenchido tais condições. E o material mais favorável para essa pesquisa será um sonho para cuja construção tenha contribuído um processo particularmente intenso de condensação. Começarei, então, por escolher para esse propósito o sonho que já registrei na pág. 180 e segs.

I

O SONHO DA MONOGRAFIA DE BOTÂNICA

CONTEÚDO DO SONHO. — *Eu havia escrito uma monografia sobre um gênero (não especificado) de plantas. O livro estava diante de mim e, naquele momento, eu virava uma lâmina colorida dobrada. Encadernado no exemplar havia um espécimen seco da planta.*

O elemento que mais se destacava nesse sonho era a *monografia de botânica*. Isso vinha das impressões do dia do sonho: eu de fato vira uma monografia sobre o gênero *Ciclâmen* na vitrina de uma livraria. Não havia menção desse gênero no conteúdo do sonho; tudo o que restara nele era a monografia e sua relação com a botânica. A "monografia de botânica" revelou de imediato sua ligação com o *trabalho sobre cocaína* que eu havia escrito certa vez. De "cocaína", as cadeias de idéias levaram, por um lado, ao *Festschrift* e a certos acontecimentos num laboratório da Universidade, e, por outro, a um amigo meu, o Dr. Königstein, cirurgião oftalmologista que tivera participação na introdução da cocaína. A figura do Dr. Königstein fez-me lembrar ainda a conversa interrompida que eu tivera com ele na noite anterior e minhas várias reflexões sobre o pagamento por serviços médicos entre colegas. Essa conversa foi o verdadeiro instigador correntemente ativo do sonho; a monografia sobre o *ciclâmen* também foi uma

impressão correntemente ativa, porém de natureza irrelevante. Como pude perceber, a "monografia de botânica" do sonho revelou-se uma "entidade intermediária comum" entre as duas experiências da véspera: foi extraída, sem nenhuma alteração, da impressão irrelevante, e foi ligada ao acontecimento psiquicamente significativo por abundantes conexões associativas.

Entretanto, não só a idéia composta, "monografia de botânica", como também cada um de seus componentes, "botânica" e "monografia", separadamente, levaram por numerosas vias de ligação a um ponto cada vez mais profundo no emaranhado dos pensamentos do sonho. "Botânica" estava relacionada com a figura do Professor Gärtner [Jardineiro], com a aparência *florescente* de sua mulher, com minha paciente *Flora* e com a senhora [Sra. L.] sobre quem eu contara a história das *flores* esquecidas. Gärtner, por sua vez, levou ao laboratório e a minha conversa com Königstein. Minhas duas pacientes [Flora e Sra. L.] tinham sido mencionadas no decorrer dessa conversa. Uma cadeia de idéias ligou a senhora das *flores às flores favoritas* de minha mulher, e daí ao título da monografia que eu vira por um momento durante o dia. Além desses, "botânica" fez lembrar um episódio em minha escola secundária e um exame da época em que eu estava na Universidade. A um novo tópico abordado em minha conversa com o Dr. Königstein — meus passatempos *favoritos* — veio juntar-se, por meio do elo intermediário do que eu, de brincadeira, chamava de *minha flor favorita*, a *alcachofra*, uma cadeia de idéias proveniente das *flores* esquecidas. Por trás das "alcachofras" estavam, de um lado, meus pensamentos sobre a *Itália*⁽¹⁾ e, de outro, uma cena de minha infância que fora o início do que depois vieram a ser minhas relações íntimas com os livros. Assim, "botânica" era um ponto nodal sistemático no sonho. Para ele convergiam numerosas cadeias de idéias que, como posso garantir, tinham entrado apropriadamente no contexto da conversa com o Dr. Königstein. Estamos aqui numa fábrica de pensamentos onde, como na "obra-prima do tecelão",

Ein Tritt tausend Fäden regt,
Die Schifflein herüber hinüber schiessen,
Die Fäden ungesehen fließen,
Ein Schlag tausend Verbindungen schlägt.⁽²⁾

(1) [Essa parece ser uma referência a um elemento dos pensamentos do sonho não mencionado anteriormente.]

(2) [... um só pedal mil fios move,
Nas lançadeiras que vão e vêm,
Urde-se os fios despercebidos
E a trama infinda vai indo além.

Goethe, *Fausto*, Parte I, Cena 4
(Trad. inglesa de Bayard Taylor.)
(Trad. bras. da Revisora Geral.)

Da mesma forma a "monografia" do sonho também toca em dois assuntos: a parcialidade de meus estudos e o custo dispendioso de meus passatempos favoritos.

Essa primeira investigação leva-nos a concluir que os elementos "botânica" e "monografia" penetraram no conteúdo do sonho porque possuíam inúmeros contatos com a maioria dos pensamentos do sonho, ou seja, porque constituíam "pontos nodais" para os quais convergia um grande número de pensamentos do sonho, porque tinham vários sentidos ligados à interpretação do sonho. A explicação desse fato fundamental também pode ser formulada de outra maneira: cada um dos elementos do conteúdo do sonho revelou ter sido "sobredeterminado" — ter sido representado muitas vezes nos pensamentos do sonho.

Descobrimos ainda mais quando passamos a examinar os demais componentes do sonho em relação a seu aparecimento nos pensamentos oníricos. A *lâmina colorida* que eu estava desdobrando levou (ver a análise, pág. 182 e seg.) a um novo tema: as críticas de meus colegas a minhas atividades e a uma que já estava representada no sonho — meus passatempos favoritos; e levou, além disso, à lembrança infantil em que eu fazia em pedaços um livro com lâminas coloridas. O *espécimen seco da planta* tocava no episódio do herbário em minha escola secundária e ressaltou em particular essa lembrança.

A natureza da relação entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho torna-se assim visível. Não só os elementos de um sonho são repetidamente determinados pelos pensamentos do sonho como também cada pensamento do sonho é representado neste último por vários elementos. As vias associativas levam de um elemento do sonho para vários pensamentos do sonho e de um pensamento do sonho para vários elementos do sonho. Assim, o sonho não é estruturado por cada pensamento ou grupo de pensamentos do sonho isoladamente, encontrando (de forma abreviada) representação separada no conteúdo do sonho — do modo como um eleitorado escolhe seus representantes parlamentares; o sonho é, antes, construído por toda a massa de pensamentos do sonho, submetida a uma espécie de processo manipulativo em que os elementos que têm suportes mais numerosos e mais fortes adquirem o direito de acesso ao conteúdo do sonho — de maneira análoga à eleição por *scrutin de liste*. No caso de todos os sonhos que submeti a uma análise dessa natureza, encontrei invariavelmente confirmados estes mesmos princípios fundamentais: os elementos do sonho são construídos a partir de toda a massa de pensamentos do sonho e cada um desses elementos mostra ter sido multiplamente determinado em relação aos pensamentos do sonho.

Certamente não será descabido ilustrar a ligação entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho por mais um exemplo, que se distingue pela trama particularmente engenhosa de suas relações recíprocas. É um sonho produzido por um de meus pacientes — um homem que eu estava

tratando em virtude de uma claustrofobia. Logo ficará evidente o motivo por que decidi dar a essa produção onírica excepcionalmente inteligente o título de:

II

"UM SONHO ENCANTADOR"

Ele se dirigia com um grande grupo à Rua X, onde havia uma estalagem desprezível. (O que não é o caso.) Nela se representava uma peça. Ora ele era platéia, ora ator. Terminado o espetáculo, eles tinham que mudar de roupa para voltarem à cidade. Alguns integrantes da companhia foram levados a aposentos no andar térreo e outros, a aposentos no primeiro andar. Surgiu então uma discussão. Os que estavam em cima ficaram zangados porque os de baixo não estavam prontos, eles não podiam descer. O irmão dele estava lá em cima e ele estava embaixo, e se aborreceu com o irmão porque estavam sendo muito pressionados. (Essa parte estava obscura.) Além disso, tinha-se decidido e providenciado, já na chegada deles, quem ficaria em cima e quem deveria ficar embaixo. Depois, ele ia subindo sozinho a ladeira da Rua X em direção à cidade. Andava com tal dificuldade e tamanho esforço que parecia colado no lugar. Um senhor idoso dirigiu-se a ele e começou a insultar o Rei da Itália. No alto da ladeira ele pôde andar com muito mais facilidade.

Sua dificuldade em subir a ladeira foi tão evidente que, depois de acordar, ele ficou por algum tempo em dúvida se aquilo teria sido sonho ou realidade.

Não teríamos uma opinião muito elevada desse sonho, a julgar por seu conteúdo manifesto. Desafiando as regras, começarei sua interpretação pela parte que o sonhador descreveu como a mais nítida.

A dificuldade com que ele sonhou, e que provavelmente experimentou durante o sonho — a penosa subida pela ladeira, acompanhada de dispnéia —, era um dos sintomas que o paciente com certeza exibira anos antes e que, na época, fora atribuído, juntamente com certos outros sintomas, à tuberculose. (A probabilidade é que esta tenha sido histericamente simulada.) A sensação peculiar de movimento inibido que ocorre nesse sonho já nos é familiar a partir dos sonhos de exibição [ver pág. 241 e segs.], e vemos mais uma vez que se trata de um material disponível a qualquer momento para qualquer outra finalidade de representação. [Cf. pág. 319 e segs.] A parte do conteúdo do sonho que descrevia como a subida começara com dificuldade e se tornara fácil no fim da ladeira me fez recordar, quando a ouvi, a magistral introdução a *Safo*, de Alfonse Daudet. Esse famoso trecho descreve como um jovem carrega sua amante nos braços escada acima: no início, ela é leve como uma pluma, porém, quanto mais ele sobe, maior parece ser seu peso. A cena inteira prenuncia o curso de sua ligação

amorosa, e Daudet pretendia fazer dela uma advertência aos jovens no sentido de não permitirem que suas afeições se prendessem seriamente a moças de origem humilde e de passado duvidoso.⁽¹⁾ Embora soubesse que meu paciente estivera envolvido com uma moça do meio teatral, num caso amoroso, que recentemente rompera, eu não esperava que se justificasse meu palpite para uma interpretação. Além disso, a situação de *Safo* era o *inverso* do que fora no sonho. No sonho, a subida que antes fora difícil, tornara-se posteriormente fácil, ao passo que o simbolismo do romance só faria sentido se algo que tivesse começado com facilidade terminasse por se tornar um fardo pesado. Mas, para meu espanto, o paciente respondeu que minha interpretação se ajustava muito bem a uma peça que ele vira no teatro na noite anterior. Chamava-se *Rund um Wien* [Ao Redor de Viena] e retratava a carreira de uma moça que começara respeitável, depois se transformara numa *demi-mondaine* e tivera *liaisons* com homens em posições elevadas, e assim “subira na vida”, mas que acabara “descendo na vida”. A peça, além disso, fê-lo lembrar-se de outra, a que assistira alguns anos antes, chamada *Von Stufe zu Stufe* [Passo a Passo], e que fora anunciada num cartaz exibindo uma escadaria com um lance de *degraus*.

Continuando com a interpretação: A atriz com quem ele tivera essa recente *liaison* tumultuada morava na Rua X. Não há nada que se assemelhe a uma estalagem nessa rua. Mas, ao passar parte do verão em Viena por causa dessa dama, ele se havia alojado [em alemão “*abgestiegen*”, literalmente “descido os degraus”] num pequeno hotel nas vizinhanças. Ao sair do hotel, ele dissera ao cocheiro da carruagem de aluguel: “De qualquer maneira, tenho sorte por não ter apanhado nenhum verme.” (Esta, aliás, era outra de suas fobias.) A isso o cocheiro retrucara: “Como é que alguém pode se hospedar num lugar desses! Isso não é um hotel, é só uma estalagem.”

A idéia de estalagem trouxe-lhe à mente, de imediato, uma citação:

Bei einem Wirte wundermild,
Da war ich jüngst zu Gaste.⁽²⁾

O hospedeiro do poema de Uhland era uma *macieira*; e uma segunda citação deu então prosseguimento a sua cadeia de idéias:

FAUST (mit der Jungen tanzend):

Einst hatt' ich einen schönen Traum;
Da sah ich einen Apfelbaum,
Zwei schöne Äpfel glänzten dran,
Sie reizten mich, ich stieg hinan.

(1) [Nota de rodapé acrescentada em 1911:] O que escrevi adiante, na seção sobre simbolismo, a respeito do significado dos sonhos de subir [pág. 336n2], lança luz sobre o tipo de imagens escolhidas pelo romancista.

(2) [Literalmente: “Recentemente fui hóspede de uma estalagem com um hospedeiro gentilíssimo.” (Uhland, *Wanderlieder*, 8, “Einkkehr”).]

DIE SCHÖNE:

Der Apfelchen begehrt ihr sehr,
Und schon vom Paradiese her.
Von Freuden fühl' ich mich bewegt,
Dass auch mein Garten solche trägt.⁽¹⁾

Não existe a menor dúvida quanto ao que representavam a macieira e as maçãs. Além disso, os seios encantadores da atriz tinham estado entre os atrativos que haviam seduzido o sonhador.

O contexto da análise deu-nos todos os fundamentos para supor que o sonho remontava a uma impressão da infância. Se assim for, deveria referir-se à ama-de-leite do sonhador, que agora era um homem de quase trinta anos. Para um bebê, os seios da ama-de-leite não são nada mais, nada menos que uma estalagem. A ama-de-leite, bem como *Safo*, de Daudet, pareciam ser alusões à amante que o paciente recentemente abandonara.

O irmão (mais velho) do paciente também aparecia no conteúdo do sonho, estando o irmão *em cima* e o próprio paciente *embaixo*. Isso, mais uma vez, era o *inverso* da situação real, pois, como eu sabia, o irmão perdera sua posição social, enquanto o paciente mantivera a dele. Ao repetir para mim o conteúdo do sonho, o paciente evitara dizer que seu irmão estava lá em cima e ele próprio, “no andar térreo”. Esse relato teria exposto a situação com demasiada clareza, uma vez que, aqui em Viena, quando dizemos que alguém está “no andar térreo”, queremos dizer que perdeu seu dinheiro e sua posição — em outras palavras, que “*desceu na vida*”. Ora, devia haver uma razão para que parte desse trecho do sonho fosse representada por seu *inverso*. Ademais, a inversão deveria aplicar-se também a alguma outra relação entre os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho [cf. mais adiante, pág. 311 e seg.]; e temos um indício de onde buscar essa inversão. Evidentemente, ela deve estar no final do sonho, onde, mais uma vez, houve uma *inversão* da dificuldade de subir escadas descrita em

(1) [FAUST (dançando com a Jovem Feiticeira):
Velo-me um dia um sonho encantador;
A macieira eu 'stava a contemplar,
E duas maçãs, luzindo com rubor,
Me seduziram a nela trepar.

A BELA FEITICEIRA:

Maçãs tens desejado com ardor,
E já desde que estão no Paraíso.
Comove-me saber, com um sorriso,
Que delas meu jardim é produtor.

Goethe, *Fausto*, Parte I (Cena 21, Walpurgisnacht)
(Trad. inglesa de Bayard Taylor, ligeiramente modificada.)

(Trad. brasileira da Revisora Geral, também ligeiramente modificada.)

Safo. Podemos então ver facilmente qual é a inversão pretendida. Em *Safo*, o homem carregava uma mulher que tinha um relacionamento sexual com ele; nos pensamentos do sonho, essa posição estava *invertida*, e uma mulher carregava um homem. E, como isso só pode acontecer na infância, a referência era, mais uma vez, à ama-de-leite, carregando o peso do bebê em seus braços. Portanto, o final do sonho fazia uma referência simultânea a Safo e à ama-de-leite.

Assim como o autor do romance, ao escolher o nome "Safo", tinha em mente uma alusão a práticas lésbicas, também as partes do sonho que falavam de pessoas "lá em cima" e "lá embaixo" aludiam a fantasias de natureza sexual que ocupavam a mente do paciente, e que, como desejos suprimidos, não deixavam de ter relação com sua neurose. (A interpretação do sonho não nos mostrou, por si só, que o que estava assim representado no sonho eram fantasias e não lembranças de fatos reais; a análise nos dá apenas o conteúdo de uma idéia e deixa a nosso critério determinar sua realidade. À primeira vista, fatos reais e imaginários aparecem nos sonhos, como tendo igual validade; e isso ocorre não apenas nos sonhos, como também na produção de estruturas psíquicas mais importantes.)⁽¹⁾

Um "grande grupo" significava, como já sabemos [ver pág. 243 e seg.], um segredo. O irmão dele era apenas o representante (introduzido na cena infantil por uma "fantasia retrospectiva")⁽²⁾ de todos os seus rivais posteriores na afeição das mulheres. O episódio do cavalheiro que insultava o Rei da Itália relacionava-se, mais uma vez, por intermédio de uma experiência recente e irrelevante em si mesma, com pessoas de categoria inferior que forçam seu ingresso na alta sociedade. Era como se a criança ao seio estivesse recebendo uma advertência paralela à que Daudet fizera aos rapazes.⁽³⁾

Para oferecer uma terceira oportunidade de estudarmos a condensação na formação dos sonhos, fornecerei parte da análise de outro sonho, que devo a uma mulher madura que está em tratamento psicanalítico. Como seria de se esperar pelos graves estados de angústia de que sofria a paciente, seus sonhos continham um número muito grande de idéias sexuais cujo reconhecimento inicial a surpreendeu e a alarmou. Como não poderei levar

(1) É provável que Freud se refira aqui a sua descoberta recém-efetuada de que os traumas sexuais infantis aparentemente revelados em suas análises de pacientes neuróticos eram, de fato, com muita frequência, fantasias. Ver Freud, 1906a.]

(2) [Essas fantasias foram discutidas por Freud anteriormente, na última parte de seu artigo sobre "Lembranças Encobridoras" (1899a).]

(3) O caráter imaginário da situação relacionada com a ama-de-leite do sonhador foi comprovado pelo fato objetivamente estabelecido de que, no caso dele, a ama-de-leite fora a mãe. Posso recordar, a esse respeito, a história que repeti na pág. 209, sobre o rapaz que lamentava não ter aproveitado melhor suas oportunidades com a ama-de-leite. Um arrependimento da mesma ordem foi sem dúvida a fonte do presente sonho.

a interpretação do sonho até o fim, seu material parecerá enquadrar-se em vários grupos sem nenhuma ligação visível.

III

"O SONHO DO BESOURO-DE-MAIO"⁽¹⁾

CONTEÚDO DO SONHO. — *Ela se lembrou de que tinha dois besouros-de-maio numa caixa e precisava libertá-los, caso contrário ficariam sufocados. Abriu a caixa e os besouros estavam em estado de esgotamento. Um deles voou pela janela aberta, mas o outro foi esmagado pelo caixilho da janela enquanto ela a fechava a pedido de alguém.* (Sinais de repulsa.)

ANÁLISE. — O marido da paciente estava temporariamente ausente de casa e a filha de quatorze anos vinha dormindo na cama ao lado dela. Na noite anterior, a menina lhe chamara a atenção para uma mariposa que caíra em seu copo d'água, mas ela não a retirara e ficara penalizada pelo pobre inseto na manhã seguinte. O livro que estivera lendo à noite contava como alguns meninos haviam atirado um gato na água fervente e descrevia as convulsões do animal. Essas foram as duas causas precipitantes do sonho — em si mesmas, irrelevantes. Ela prosseguiu então no assunto da *crueldade para com os animais*. Alguns anos antes, quando passavam o verão em certo lugar, a filha da paciente havia sido muito cruel com os animais. Apanhava borboletas e pedia *arsênico* à mãe para matá-las. Numa outra ocasião, uma mariposa com um alfinete atravessado no corpo continuava a voar pelo quarto durante muito tempo; de outra feita, algumas lagartas que a menina estava guardando para que se transformassem em crisálidas morreram de fome. Numa idade ainda mais tenra, essa mesma menina tinha o hábito de arrancar as asas de *besouros* e borboletas. Mas hoje, ficava horrorizada diante de todas essas ações cruéis — tornara-se muito bondosa.

A paciente refletiu a respeito dessa contradição. Ela a fez lembrar-se de outra contradição, entre a aparência e o caráter, tal como George Elliot a retrata em *Adam Bede*: uma moça que era bonita, porém fútil e ignorante, e outra que era feia, mas de caráter elevado; um nobre que seduziu a moça tola, e um operário que se sentia e agia com verdadeira nobreza. Como era impossível, comentou ela, reconhecer esse tipo de coisas nas pessoas! Quem poderia imaginar, olhando para *ela*, que ela era atormentada por desejos sensuais?

No mesmo ano em que a menina começara a colecionar borboletas, o distrito em que se encontravam tinha sido seriamente atingido por uma praga de *besouros-de-maio*. As crianças ficaram furiosas com os inse-

(1) [O equivalente mais comum em inglês do alemão "*Maikäfer*" é "*cockchafer*" (besouro daninho às plantas). Para fins da análise desse sonho, porém, é preferível uma tradução literal.]

tos e os *esmagavam* sem piedade. Naquela ocasião, minha paciente vira um homem que arrancava as asas dos besouros-de-maio e, em seguida, comia-lhes os corpos. Ela própria nascera em *maio* e se casara em *maio*. Três dias após o casamento, escrevera aos pais dizendo o quanto se sentia feliz. Mas isso estava longe de ser verdade.

Na noite anterior ao sonho ela estivera remexendo em algumas cartas antigas e lera algumas delas — umas sérias, outras cômicas — em voz alta para os filhos. Havia uma carta muito divertida de um professor de piano que a cortejara quando mocinha, e outra de um admirador *de berço nobre*.⁽¹⁾

Ela se censurava porque uma de suas filhas pusera as mãos num livro “pernicioso” de Maupassant.⁽²⁾ O *arsênico* que a menina tinha pedido fê-la recordar-se das *pílulas de arsênico* que restauraram o vigor juvenil do Duque de Mora em *O Nababo* [de Daudet].

“Libertá-los” fez com que ela pensasse num trecho de *A Flauta Mágica*:

Zur Liebe kann ich dich nicht zwingen,
Doch geb ich dir *die Freiheit* nicht!⁽³⁾

Os “besouros-de-maio” também a fizeram pensar nas palavras de Kätchen:

Verliebt ja wie ein *Käfer* bist du mir.⁽⁴⁾

E, em meio a tudo isso, veio uma citação de *Tannhauser*:

Weil du von *böser Lust* beseelt...⁽⁵⁾

Ela vivia numa preocupação constante com o marido ausente. Seu medo de que algo pudesse acontecer-lhe em sua viagem encontrava expressão em numerosas fantasias de vigília. Pouco tempo antes, no decorrer de

(1) Esse fora o verdadeiro instigador do sonho.

(2) Neste ponto faz-se necessária uma interpolação: “os livros desse tipo são um veneno para uma moça”. A própria paciente mergulhara muitas vezes na leitura de livros proibidos, quando jovem.

(3) [Não temas que a amar jamais te forcarei;
Mas é cedo demais para que eu te liberte.
(Sarastro a Pamina no *Finale* do Ato I.)]

(4) [“Estás loucamente apaixonada por mim.” Literalmente: “Estás apaixonada por mim como um *besouro*.” De *Kätchen von Heilbronn*, de Kleist, IV, 2.] — Outra cadeia de idéias levou a *Penthesilea*, do mesmo poeta, e à idéia de *crueldade* para com um amante.

(5) [Literalmente: “Porque foste inspirado por tal *prazer maligno*.” Presume-se que essa seja uma lembrança da frase inicial da condenação do Papa narrada por *Tannhauser* na última cena da ópera. As palavras realmente são: “Hast du so böse Lust geteilt” — “Já que partilhaste de tal *prazer maligno*”.]

sua análise, ela havia deparado, entre seus pensamentos inconscientes, com uma queixa sobre o marido estar “ficando senil”. A idéia desejante oculta pelo presente sonho talvez seja mais simples de conjecturar se eu mencionar que, alguns dias antes de ter o sonho, ela ficara horrorizada, em meio a seus afazeres cotidianos, com uma frase no modo imperativo que lhe veio à cabeça e que visava ao marido: “Vá se enforcar!” Ocorre que, algumas horas antes, ela lera em algum lugar que, quando um homem é enforcado, ele tem uma forte ereção. Era o desejo de uma ereção que havia emergido do recalçamento sob esse disfarce pavoroso. “Vá se enforcar!” equivalia a “Consiga uma ereção a qualquer preço!” As pílulas de arsênico do Dr. Jenkins em *O Nababo* enquadravam-se nisso. Mas minha paciente também tinha conhecimento de que o afrodisíaco mais poderoso, as cantáridas (comumente conhecidas como “moscas espanholas”), era preparado com *besouros esmagados*. Fora esse o sentido da parte principal do conteúdo do sonho.

Abriu e fechar *janelas* era um dos principais temas de discussão entre ela e o marido. Ela própria era aerofílica em seus hábitos de dormir; o marido era aerofóbico. O *esgotamento* era o principal sintoma de que ela se queixava na época do sonho.

Em todos os três sonhos que acabo de registrar, indiquei por meio de grifos os pontos em que um dos elementos do conteúdo do sonho reapareceu nos pensamentos do sonho, de modo a indicar com clareza a multiplicidade das ligações que surgem a partir dos primeiros. No entanto, uma vez que a análise de nenhum desses sonhos foi seguida até o fim, talvez valha a pena considerar um sonho cuja análise foi registrada exaustivamente, para mostrar como seu conteúdo é sobredeterminado. Para esse fim, tomarei o sonho da injeção de Irma [pág. 127 e segs.]. Será fácil verificar, a partir desse exemplo, que o trabalho de condensação utiliza mais de um método na construção dos sonhos.

A principal figura do conteúdo do sonho era minha paciente Irma. Ela aparecia com suas feições da vida real, e portanto, em primeiro lugar, representava a si mesma. Mas a posição em que a examinei junto à janela derivava de outra pessoa: da dama pela qual, como indicaram os pensamentos do sonho, eu queria trocar minha paciente. Na medida em que Irma parecia ter uma membrana diftérica, que me fez recordar minha angústia com relação à minha filha mais velha, ela representava essa criança e, por trás desta, uma vez que tinha o mesmo nome que minha filha, estava oculta a figura de minha paciente que sucumbira ao envenenamento. No curso ulterior do sonho, a figura de Irma adquiriu ainda outros significados, sem que ocorresse qualquer alteração em sua imagem visual no sonho. Ela se transformou numa das crianças que havíamos examinado no departamento neurológico do hospital infantil, onde meus dois amigos revelaram suas índoles contrastantes. A figura de minha própria filha foi, evidentemente, o degrau para essa transição. A mesma resistência “de Irma” em

abrir a boca trouxe uma alusão a outra senhora que eu examinara certa vez, e, através da mesma conexão, à minha mulher. Além disso, as alterações patológicas que descobri em sua garganta envolviam alusões a toda uma série de outras figuras.

Nenhuma dessas figuras com que deparei ao acompanhar "Irma" apareceu no sonho em forma corporal. Estavam ocultas por trás da figura onírica de "Irma", que assim se transformou numa imagem coletiva dotada, há que admitir, de diversas características contraditórias. Irma tornou-se a representante de todas essas outras figuras que tinham sido sacrificadas ao trabalho de condensação, já que transferi para *ela*, ponto por ponto, tudo o que me fazia lembrar-me *delas*.

Existe outro meio pelo qual se pode produzir uma "figura coletiva" para fins de condensação onírica, ou seja, reunindo-se as feições reais de duas ou mais pessoas numa única imagem onírica. Foi assim que se construiu o Dr. M. de meu sonho. Ele trazia o nome do Dr. M., falava e agia como ele; mas suas características físicas e sua doença pertenciam a outra pessoa, ou melhor, a meu irmão mais velho. Uma característica única, seu aspecto pálido, fora duplamente determinada, uma vez que era comum a ambos na vida real.

O Dr. R. de meu sonho com meu tio de barba amarela [pág. 153 e segs.] era uma figura composta semelhante. Em seu caso, porém, a imagem onírica fora ainda construída de outra forma. Não combinei as feições de uma pessoa com as de outra, omitindo da imagem mnêmica, nesse processo, certos traços de cada uma delas. O que fiz foi adotar o procedimento por que Galton produzia retratos de família: a saber, projetando duas imagens sobre uma chapa única, de modo que certas feições comuns a ambas eram realçadas, enquanto as que não se ajustavam uma à outra se anulavam mutuamente e ficavam indistintas na fotografia. No sonho com meu tio, a barba loura emergia de forma proeminente de um rosto que pertencia a duas pessoas e que estava conseqüentemente indistinto; aliás a barba envolvia ainda uma alusão a meu pai e a mim mesmo por meio da idéia intermediária de ficar grisalho.

A construção de figuras coletivas e compostas é um dos principais métodos por que a condensação atua nos sonhos. Logo terei ocasião de abordá-los em outro contexto. [Ver pág. 307 e seg.]

A ocorrência da idéia de "disenteria" no sonho da injeção de Irma também teve uma determinação múltipla: primeiro, em virtude da sua semelhança fonética com "difteria" [ver pág. 134 e seg.] e, em segundo lugar, por causa da sua ligação com o paciente que eu enviara ao Oriente e cuja histeria não fora reconhecida.

Outro exemplo interessante de condensação nesse sonho foi a menção nele feita a "propilos" [pág. 136 e segs.]. O que estava contido nos pensamentos do sonho não era "propilos", mas "amilos". Poder-se-ia supor que um único deslocamento ocorrera nesse ponto na construção do sonho. Esse

era realmente o caso. Mas o deslocamento servira às finalidades da condensação, como é provado pelo acréscimo que se segue à análise do sonho. Quando permiti que minha atenção se demorasse um pouco mais, na palavra "propilos", ocorreu-me que soava como "Propileu". Mas há propileus não só em Atenas, como também em Munique.⁽¹⁾ Um ano antes do sonho eu tinha ido a Munique visitar um amigo que estava gravemente enfermo na ocasião — o mesmo amigo a que aludi inequivocamente no sonho por intermédio da palavra "trimetilamina", que ocorreu logo depois de "propilos".

Deixarei de lado o modo surpreendente como, nesse caso, tal como em outras análises de sonhos, utilizam-se associações da mais variada importância intrínseca para estabelecer ligações de idéias, como se tivessem peso igual, e cederei à tentação de apresentar, por assim dizer, uma imagem plástica do processo pelo qual os amilos, nos pensamentos do sonho, foram substituídos por propilos no conteúdo do sonho.

Por um lado, vemos o grupo de representações ligado a meu amigo Otto, que não me compreendia, que tomava partido contra mim e que me presenteara com um licor com aroma de amilo. Por outro, vemos — ligado ao primeiro grupo por seu próprio contraste — o grupo de representações relacionado com meu amigo de Berlim [Wilhelm Fliess], que *de fato* me compreendia, que tomava meu partido, e a quem eu devia tantas informações valiosas que tratavam, entre outras coisas, da química dos processos sexuais.

As causas excitantes recentes — os instigadores reais do sonho — determinaram o que iria atrair minha atenção no grupo "Otto"; o amilo se achava entre esses elementos seletos, que estavam predestinados a fazer parte do conteúdo do sonho. O copioso grupo "Wilhelm" foi excitado precisamente por estar em contraste com "Otto", e nele se enfatizaram os elementos que faziam eco aos que já tinham sido incitados em "Otto". Em todo o sonho, de fato, fiquei a me voltar de alguém que me aborrecia para alguém que pudesse ser agradavelmente contrastado com ele; ponto por ponto, eu evocava um amigo contra um opositor. Assim, o amilo do grupo "Otto" produziu no outro grupo lembranças do campo da química; dessa maneira, a trimetilamina, que recebia apoio de várias direções, penetrou no conteúdo do sonho. O próprio "amilo" poderia ter entrado sem alteração no conteúdo do sonho, mas ficou sob a influência do grupo "Wilhelm", pois toda a gama de lembranças abrangida por esse nome foi vasculhada para que se encontrasse algum elemento que pudesse proporcionar uma determinação bilateral para "amilos". "Propilos" estava intimamente associado com "amilos", e Munique, do grupo "Wilhelm", com seu "propileu", vinha parcialmente a seu encontro. Os dois grupos de idéias convergiram para "propilos-propileu", e, como que por um ato de conciliação, esse elemento intermediário foi o que penetrou no conteúdo do sonho. Aqui se construíra

(1) [Um pórtico ritual calcado no modelo do Propileu ateniense.]

uma entidade intermediária comum que admitia determinação múltipla. É evidente, portanto, que a determinação múltipla deve tornar mais fácil a um elemento impor-se ao conteúdo do sonho. No sentido de estruturar um elo intermediário dessa natureza, a atenção é deslocada, sem hesitação, daquilo que é realmente pretendido para alguma associação vizinha.

Nosso estudo do sonho da injeção de Irma já nos permitiu adquirir certo discernimento dos processos de condensação no decorrer da formação dos sonhos. Pudemos observar alguns de seus detalhes, tais como o modo como se dá preferência aos elementos que ocorrem várias vezes nos pensamentos do sonho, como se formam novas unidades (sob a forma de figuras coletivas e estruturas compostas), e como se constroem entidades intermediárias comuns. As demais questões relativas à finalidade da condensação e aos fatores que tendem a produzi-la não serão levantadas até que tenhamos considerado toda a questão dos processos psíquicos que atuam na formação dos sonhos. [Ver pág. 315 e Capítulo VII, Seção E, especialmente pág. 539 e segs.] Contentar-nos-emos, por ora, em reconhecer o fato de que a condensação onírica é uma característica notável da relação entre os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho.

O trabalho de condensação nos sonhos é visto com máxima clareza ao lidar com palavras e nomes. É verdade, em geral, que as palavras são freqüentemente tratadas, nos sonhos, como se fossem coisas, e por essa razão tendem a se combinar exatamente do mesmo modo que as representações de coisas.⁽¹⁾ Os sonhos desse tipo oferecem os mais divertidos e curiosos neologismos.⁽²⁾

I

Certa ocasião, um colega médico me enviara um artigo que tinha escrito, no qual a importância de uma recente descoberta fisiológica era, em minha opinião, superestimada, e no qual, acima de tudo, o assunto era tratado de maneira demasiado emocional. Na noite seguinte, sonhei com uma frase que se referia claramente a esse artigo: "*Está escrito num estilo positivamente norekdal*." A análise dessa palavra causou-me, de início, alguma dificuldade. Não havia dúvida alguma de que era uma paródia dos superlativos [alemães] "*colossal*" e "*piramidal*", mas sua origem não era

(1) [A relação entre as representações de coisas e as representações de palavras foi examinada por Freud muito depois, nas últimas páginas de seu artigo sobre o Inconsciente (1915e).]

(2) [Um sonho envolvendo diversos conceitos verbais é relatado por Freud no Capítulo V (10) de *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana* (1901b). — Os exemplos que se seguem, como se verá, são intraduzíveis, em sua maioria. Ver Introdução do Editor inglês (pág. 28).]

muito fácil de adivinhar. Finalmente, vi que a monstruosidade era composta por dois nomes, "Nora" e "Ekdal" — personagens de duas peças famosas de Ibsen. [*Casa de Boneca* e *O Pato Selvagem*.] Algum tempo antes, eu lera um artigo de jornal sobre Ibsen, escrito pelo mesmo autor cuja última obra eu estava criticando no sonho.

II

Uma de minhas pacientes narrou-me um sonho curto que terminava num composto verbal sem sentido. Sonhou que estava com o marido numa festa de camponeses e dizia: "*Isso vai terminar num 'Maistollmütz' geral*." No sonho, ela experimentava uma vaga sensação de que se tratava de uma espécie de pudim de milho — uma espécie de polenta. A análise dividiu a palavra em "*Mais*" ["milho"], "*toll*" ["louco"], "*mannstoll*" ["ninfomaníaca"] — literalmente, "louca por homens" — e "*Olmütz*" [uma cidade da Morávia]. Verificou-se que todos esses fragmentos eram remanescentes de uma conversa que ela tivera à mesa com parentes. As seguintes palavras estavam por trás de "*Mais*" (além de uma referência à Exposição do Jubileu recém-inaugurada⁽¹⁾): "*Meissen*" (uma figura de porcelana de Meissen [Dresden] representando um pássaro); "*Miss*" (a governanta inglesa de seus parentes acabara de partir para *Olmütz*); e "*mies*" (termo judaico de gíria empregado em tom de brincadeira para significar "repulsivo"). Uma longa cadeia de idéias e associações partia de cada sílaba dessa confusão verbal.

III

Um rapaz cuja campainha da porta fora tocada tarde da noite por um conhecido que desejava deixar um cartão de visita com ele, teve um sonho nessa noite: *Um homem estivera trabalhando até tarde da noite para consertar o telefone de sua casa. Depois que ele foi embora, o aparelho continuou a tocar — não continuamente, mas com toques intermitentes. Seu criado foi buscar o homem de volta, e este comentou: "É engraçado como até mesmo as pessoas que são 'tutelrein' na verdade são inteiramente incapazes de lidar com uma coisa dessas."*

Veremos que a causa excitante irrelevante do sonho só abrange um de seus elementos. Esse episódio só adquiriu alguma importância pelo fato de o sonhador tê-lo colocado na mesma série de uma experiência anterior, que, apesar de igualmente irrelevante em si, recebera da imaginação dele um significado substitutivo. Quando menino, morando com o pai, ele havia entornado um copo de água no chão, quando estava meio adormecido. Os fios do telefone tinham ficado encharcados e seu tilintar contínuo pertur-

(1) [Para comemorar o jubileu do Imperador Francisco José, celebrado em 1898.]

bara o sono do pai. Como o tilintar contínuo correspondia a ficar molhado, os "toques intermitentes" foram utilizados para representar gotas caindo. A palavra "tutelrein" pôde ser analisada em três sentidos e levou, dessa maneira, a três dos assuntos representados nos pensamentos do sonho. "Tutel" é um termo jurídico para designar "guarda" ["tutela"]. "Tutel" (ou possivelmente "Tuttel") é também um termo vulgar para o seio feminino. A parte restante da palavra, "rein" ["limpo"], combinada com a primeira parte de "Zimmertelegraph" ["telefone doméstico"], forma "zimmerrein" ["treinado em casa"] — que se relaciona estreitamente a molhar o chão e, além disso, tinha um som muito semelhante ao do nome de um membro da família do sonhador.⁽¹⁾

IV

Num sonho confuso e um tanto extenso que eu mesmo tive, cujo ponto central parecia ser uma viagem marítima, a escala seguinte parecia chamar-se "Hearsing", e depois dela vinha "Fliess". Esta última palavra era o nome de meu amigo de Berlim, que muitas vezes fora o objetivo de minhas viagens. "Hearsing" era um composto. Parte dele derivava de nomes de lugares ao longo da ferrovia suburbana perto de Viena, que tão frequentemente terminam em "ing": Hietzing, Liesing, Mödling (Medelitz, "meae deliciae", era seu antigo nome — ou seja, "meine Freud" ["meu deleite"]). A outra parte derivou-se da palavra inglesa "hearsay" (boato). Esta sugeria calúnia e estabeleceu a ligação do sonho com seu instigador irrelevante da

(1) Na vida de vigília, essa mesma espécie de análise e síntese das sílabas — uma química silábica, de fato — desempenha seu papel num grande número de chistes: "Qual é a maneira mais barata de obter prata? Você segue uma aléia de choupos prateados [Pappeln, que significa tanto "choupos" como "murmúrio"] e exige silêncio. O murmúrio então cessa e a prata é liberada." O primeiro leitor e crítico deste livro — e é provável que seus sucessores lhe sigam o exemplo — protestou que "o sonhador parece ser por demais engenhoso e divertido". Isso é inteiramente verdadeiro, desde que se refira apenas ao sonhador; só seria uma objeção se fosse entendido ao intérprete do sonho. Na realidade de vigília, tenho pouco direito a ser considerado uma pessoa espirituosa. Se meus sonhos parecem divertidos, não é por minha causa, mas por causa das condições psicológicas peculiares sob as quais os sonhos são construídos; e esse fato está intimamente ligado à teoria dos chistes e do cômico. Os sonhos se tornam engenhosos e divertidos porque o caminho mais direto e mais fácil para a expressão de suas idéias é barrado: eles são forçados a ser assim. O leitor pode convencer-se de que os sonhos de meus pacientes parecem pelo menos tão repletos de chistes e trocadilhos quanto os meus próprios, ou até mais. — [Acréscitado em 1909:] Não obstante, essa objeção levou-me a comparar a técnica dos chistes com o trabalho do sonho, e os resultados encontram-se no livro que publiquei sobre *O Chiste e sua Relação com o Inconsciente* (1905c) [em particular, no Capítulo VI. — Ao final desse capítulo, Freud observa que os chistes oníricos são piadas sem graça, e explica por que isso é assim. O mesmo ponto é enfatizado na Conferência XV das *Conferências Introdutórias* (1916-17.) — O "primeiro leitor" mencionado acima era Fliess, e essa questão é examinada numa carta a ele de 11 de setembro de 1899 (Freud, 1950a, Carta 118).]

véspera: um poema no periódico *Fliegende Blätter* sobre um anão caluniador chamado "Sagter Hatergesagt" ["disse-me-disse"]. Se a sílaba "ing" fosse acrescentada ao nome "Fliess", teríamos "Vlissingen", que era com certeza a escala na viagem marítima que meu irmão fazia sempre que vinha da Inglaterra nos visitar. Mas o nome inglês para Vlissingen é "Flushing", que em inglês significa "enrubescer" e que me fez lembrar dos pacientes que tratei por sofrerem de ereutofobia, e também de um artigo recente de Bechterew sobre essa neurose, que me causara certo aborrecimento.

V

Em outra ocasião tive um sonho que consistiu em duas partes separadas. A primeira parte era a palavra "Autodidasker", da qual me recordava nitidamente. A segunda era a reprodução exata de um fantasia curta e inocente que eu produzira alguns dias antes. Essa fantasia era no sentido de que, quando encontrasse o Professor N. da próxima vez, eu deveria dizer-lhe: "O paciente sobre cujo estado eu recentemente o consultei está, na verdade, sofrendo apenas de uma neurose, justamente como o senhor suspeitava." Assim, o neologismo "Autodidasker" precisava satisfazer duas condições: em primeiro lugar, deveria ter ou representar um sentido composto; e em segundo, esse sentido deveria estar firmemente relacionado com a intenção, que eu reproduzira na vida de vigília, de me desculpar junto ao Professor N.

A palavra "Autodidasker" pôde ser com facilidade decomposta em "Autor" [autor], "Autodidakt" [autodidata] e "Lasker", com a qual também associei o nome de Lassalle.⁽¹⁾ A primeira dessas palavras levou à causa precipitante do sonho — desta vez, uma causa significativa. Eu dera a minha mulher diversos volumes de autoria de um célebre escritor [austriaco] que era amigo de meu irmão, e que, como fui informado, era natural de meu próprio torrão natal: J. J. David. Uma noite, ela me falara da profunda impressão que lhe havia causado a trágica história de um dos livros de David a respeito da maneira como um homem talentoso se arruinou; e nossa conversa se voltara para um exame dos dons de que víamos indícios em nossos próprios filhos. Sob o impacto do que estivera lendo, minha mulher externou uma preocupação com as crianças, e eu a consolei com o comentário de que aqueles eram precisamente os perigos que podiam ser afastados por meio de uma boa educação. Meu fluxo de idéias prosseguiu no decorrer da noite; tomei a preocupação de minha mulher e entre-meei nela toda sorte de outras coisas. Um comentário feito pelo autor a meu irmão sobre o tema do casamento indicou a meus pensamentos um cami-

(1) [Ferdinand Lassalle, fundador do movimento Social Democrático Alemão, nasceu em Breslau em 1825 e faleceu em 1864. Eduard Lasker (1829-1884), nascido em Jarotschin, não longe de Breslau, foi um dos fundadores do Partido Nacional Liberal na Alemanha. Ambos eram de origem judaica.]

nho pelo qual eles poderiam vir a ser representados no sonho. Esse caminho levou a Breslau, para onde uma dama com quem mantínhamos grandes laços de amizade se dirigira para casar-se e ali fixar residência. A preocupação que eu sentia com o perigo de me arruinar por causa de uma mulher — pois esse era o cerne de meus pensamentos oníricos — encontrou um exemplo em Breslau nos casos de Lasker e Lassalle, o qual possibilitou dar uma imagem simultânea das duas maneiras por que essa influência fatal pode ser exercida.⁽¹⁾ “*Cherchez la femme*”, a frase em que esses pensamentos podiam ser resumidos, levou-me, tomada em outro sentido, a meu irmão ainda solteiro, cujo nome é Alexandre. Percebi então que “Alex”, a forma abreviada do nome pela qual o chamamos, tem quase o mesmo som de um anagrama de “Lasker”, e que esse fator devia ter tido sua participação na condução de meus pensamentos pelo caminho via Breslau.

No entanto, o jogo que eu aqui fazia com nomes e sílabas tinha ainda outro sentido. Expressava o desejo de que meu irmão pudesse ter uma vida doméstica feliz, e o fez dessa forma. No romance de Zola sobre a vida de um artista, *L'oeuvre*, cujo tema deve ter estado próximo de meus pensamentos oníricos, o autor, como se sabe, introduziu a si mesmo e a sua própria felicidade doméstica como um episódio. Ele aparece sob o nome de “Sandoz”. É provável que se obtenha essa transformação da seguinte maneira: se escrevermos “Zola” de trás para frente (o tipo de coisa que as crianças tanto gostam de fazer), chegaremos a “Aloz”. Sem dúvida, isso pareceria muito pouco disfarçado. Assim, ele substituiu “Al”, que é a primeira sílaba de “Alexander”, por “Sand”, que é a terceira sílaba do mesmo nome; e assim nasceu “Sandoz”. Meu próprio “Autodidasker” surgiu da mesmíssima forma.

Devo agora explicar como foi que minha fantasia de dizer ao Professor N. que o paciente que ambos havíamos examinado sofria apenas de uma neurose se insinuou no sonho. Pouco antes do fim de meu ano de trabalho, iniciei o tratamento de um novo paciente que frustrou por completo meus poderes de diagnóstico. A presença de uma grave doença orgânica — talvez alguma degeneração da medula espinhal — sugeriu-se acentuadamente, mas não pôde ser estabelecida. Teria sido tentador diagnosticar uma neurose (o que teria solucionado todas as dificuldades), não fosse o paciente haver repudiado com tanta energia a história sexual sem a qual eu me recuso a reconhecer a presença de uma neurose. Em minha perplexidade, procurei ajuda do médico a quem, como muitas outras pessoas, respeito mais do que qualquer outro homem, e perante cuja autoridade estou inteiramente pronto a me inclinar. Ele escutou minhas dúvidas, disse-me que eram justificadas, e então emitiu sua opinião: “Mantenha o homem em observação;

(1) Lasker morreu de tabes, ou seja, como resultado de uma infecção (sífilis) contraída de uma mulher; Lassalle, como todos sabem, foi abatido num duelo por causa de uma mulher. [Tragic Comedians, de George Meredith, é baseada em sua história.]

deve ser uma neurose.” Como soubesse que ele não partilhava de meus conceitos sobre a etiologia das neuroses, não apresentei minha contra-argumentação, mas não escondi meu ceticismo. Alguns dias depois, informei ao paciente que nada podia fazer por ele e recomendei que procurasse outra orientação. Diante disso, para meu intenso espanto, ele começou a se desculpar por ter mentido para mim. Estivera muito envergonhado de si mesmo, disse, e então revelou precisamente a etiologia sexual que eu vinha esperando e sem a qual ficara impossibilitado de aceitar sua doença como uma neurose. Fiquei aliviado, mas, ao mesmo tempo, humilhado. Tive que admitir que meu orientador, não se deixando enganar pela consideração da anamnese, enxergara com mais clareza do que eu. E me propus dizer-lhe exatamente isso quando o encontrasse da próxima vez — que *ele* estava certo e *eu*, errado.

Foi precisamente isso o que fiz no sonho. Mas que espécie de realização de desejo teria havido em confessar que eu estava errado? Estar errado, porém, era justamente o que eu *desejava*. Eu queria estar errado em meus temores, ou, para ser mais exato, queria que minha mulher, cujos temores eu adotara nos pensamentos do sonho, estivesse enganada. O tema em torno do qual girava a questão de certo ou errado no sonho não estava muito longe daquilo em que os pensamentos do sonho estavam realmente interessados. Havia a mesma alternativa entre prejuízo orgânico e funcional causado por uma mulher, ou, mais apropriadamente, pela sexualidade: paralisia tabética ou neurose? (O tipo de morte de Lassalle podia ser displicentemente classificado nesta última categoria.)

Nesse sonho de trama cerrada e, depois de cuidadosamente interpretado, muito transparente, o Professor N. desempenhou um papel não só por causa dessa analogia e do meu desejo de estar errado, e em virtude das suas ligações incidentais com Breslau e com a família de nossa amiga que ali se fixara após o casamento, como também por causa do seguinte episódio que ocorreu no fim de nossa consulta. Depois de dar sua opinião e assim encerrar nossa discussão médica, ele passou a assuntos mais pessoais: “Quantos filhos você tem agora?” — “Seis”. Ele fez um gesto de admiração e interesse. — “Meninas ou meninos?” — “Três e três: são meu orgulho e meu tesouro.” — “Bem, então, trate de se prevenir! As meninas são bastante seguras, mas educar meninos leva a dificuldades mais tarde.” — Protestei que os meus se haviam comportado muito bem até ali. É evidente que esse segundo diagnóstico, sobre o futuro de meus meninos, não me agradou mais do que o primeiro, consoante o qual meu paciente estava sofrendo de uma neurose. Assim, essas duas impressões estavam ligadas por sua contigüidade, pelo fato de terem sido experimentadas numa mesma ocasião; e, ao inserir a história da neurose em meu sonho, eu a estava colocando em lugar da conversa sobre criação de filhos, que tinha mais ligação com os pensamentos do sonho, já que se referia tão de perto às preocupações posteriormente externadas por minha mulher. Assim, até meu medo de que N. pudesse ter razão no que disse sobre a dificuldade de

educar meninos encontrou um lugar no sonho, pois jazia oculto por trás da representação de meu desejo de que eu mesmo estivesse errado em abrigar tais temores. A mesma fantasia serviu, sem alterações, para representar ambas as alternativas opostas.

VI

“Hoje cedo,⁽¹⁾ entre o sonhar e o despertar, experimentei um belo exemplo de condensação verbal. No curso de uma massa de fragmentos oníricos de que mal podia lembrar-me, fui detido, por assim dizer, por uma palavra que vi diante de mim como se estivesse meio manuscrita e meio impressa. A palavra era ‘*erzefilisch*’ e fazia parte de uma frase que se insinuou em minha memória consciente, independente de qualquer contexto e em completo isolamento: ‘Isso tem uma influência *erzefilisch* nas emoções sexuais.’ Soube imediatamente que a palavra deveria na verdade ter sido ‘*erzieherisch*’ [‘educacional’]. E fiquei em dúvida, por algum tempo, se o segundo ‘e’ de ‘*erzefilisch*’ não teria sido um ‘i’.⁽²⁾ Com respeito a isso, ocorreu-me a palavra ‘sífilis’ e, começando a analisar o sonho enquanto estava ainda meio adormecido, quebrei a cabeça num esforço para descobrir como aquela palavra podia ter entrado em meu sonho, já que eu nada tinha a ver com essa doença, quer pessoalmente, quer profissionalmente. Pensei então em ‘*erzählerisch*’ [outra palavra sem sentido], e isso explicou o ‘e’ da segunda sílaba de ‘*erzefilisch*’, fazendo-me lembrar que, na noite anterior, eu fora solicitado por nossa governanta [Erzieherin] a lhe dizer alguma coisa a respeito do problema da prostituição, e lhe dera o livro de Hesse sobre a prostituição para influenciar sua vida emocional — que não se desenvolvera com inteira normalidade; depois disso, eu tinha conversado [erzählt] muito com ela sobre o problema. Vi então, de uma só vez, que a palavra ‘sífilis’ não devia ser tomada literalmente, mas representava ‘veneno’ — naturalmente, em relação à vida sexual. Quando traduzida, portanto, a frase do sonho tinha bastante lógica: ‘Minha conversa [Erzählung] pretendia ter uma influência educacional [erzieherisch] sobre a vida emocional de nossa governanta [Erzieherin]; mas temo que talvez tenha tido, ao mesmo tempo, um efeito venenoso.’ ‘*Erzefilisch*’ compunha-se de ‘*erzäh-*’ e ‘*erzieh-*’.”

As malformações verbais nos sonhos se assemelham muito às que são conhecidas na paranóia, mas que também estão presentes na histeria e nas

(1) Citado de Marcinowski [1911]. Este parágrafo foi acrescentado em 1914.
(2) [Esse engenhoso exemplo de condensação gira em torno da pronúncia da segunda sílaba — a sílaba acentuada — da palavra sem sentido. Se for “ze”, ela se pronunciará mais ou menos como o inglês “tsay” (português: “tzei”), assemelhando-se assim à segunda sílaba de “*erzählen*” e do inventado “*erzehlerisch*”. Se for “zi”, pronuncia-se aproximadamente como o inglês “tsee” (português: “tzi”), parecendo-se assim com a segunda sílaba de “*erzieherisch*”, bem como (com menor aproximação) com a primeira sílaba de “*syphilis*”.]

obsessões. Os truques lingüísticos feitos pelas crianças,⁽¹⁾ que, às vezes, tratam realmente as palavras como se fossem objetos, e além disso inventam novas línguas e formas sintáticas artificiais, constituem a fonte comum dessas coisas tanto nos sonhos como nas psiconeuroses.

A análise das formas verbais absurdas que ocorrem nos sonhos⁽²⁾ é particularmente adequada para exibir as realizações do trabalho do sonho em termos da condensação. O leitor não deve inferir da escassez dos exemplos que forneci que esse tipo de material é raro ou apenas excepcionalmente observado. Pelo contrário, é muito comum. Mas, em decorrência do fato de que a interpretação dos sonhos depende do tratamento psicanalítico, apenas um número muito reduzido de exemplos é observado e registrado, e as análises desses exemplos, em geral, só são inteligíveis para os peritos na patologia das neuroses. Assim, um sonho dessa natureza foi relatado pelo Dr. von Karpinska (1914), contendo a forma verbal absurda “*Svingnum elvi*”. Vale também a pena mencionar os casos em que aparece num sonho uma palavra que não é, em si mesma, sem sentido, mas que perdeu seu significado próprio e combina diversos outros significados com os quais está relacionada da mesmíssima forma que estaria uma palavra “sem sentido”. Foi isso o que ocorreu, por exemplo, no sonho do menino de dez anos sobre uma “categoria”, que foi registrado por Tausk (1913). “Categoria”, nesse caso, significava “órgãos genitais femininos”, e “categorizar” significava o mesmo que “urinar”.

Quando nos sonhos ocorrem frases faladas, expressamente distinguidas como tais dos pensamentos, a norma invariável é que as palavras faladas no sonho derivam de palavras faladas lembradas no material onírico. O texto do enunciado é então mantido inalterado, ou externado com algum ligeiro deslocamento. Um enunciado, num sonho, é freqüentemente composto por vários enunciados relembrados, permanecendo o texto idêntico, mas sendo-lhe atribuídos, se possível, vários significados, ou um sentido diferente do original. Um comentário dito num sonho é, não raro, apenas uma alusão a uma ocasião em que o comentário em causa foi feito.⁽³⁾

(1) [Ver Capítulo IV do livro de Freud sobre os chistes (1905c).]

(2) [Esse parágrafo foi acrescentado em 1919.]

(3) [Nota de rodapé acrescentada em 1909:] Não faz muito tempo, encontrei uma única exceção a essa regra no caso de um rapaz que sofria de obsessões, ao mesmo tempo que mantinha intactos seus dons intelectuais altamente desenvolvidos. As palavras faladas que ocorriam em seus sonhos não derivavam de observações que ele próprio tivesse feito ou ouvido. Continham o texto não-distorcido de suas idéias obsessivas, que, na vida de vigília, só alcançavam sua consciência sob forma modificada. [Esse rapaz foi o sujeito do caso clínico de Freud sobre um neurótico obsessivo (o “Homem dos Ratos”); ali se encontrará uma referência a esse ponto (Freud, 1909d), próximo ao começo da Seção II (A). — A questão das palavras ditas nos sonhos é examinada de modo muito mais completo adiante, pág. 391 e segs.]

O TRABALHO DE DESLOCAMENTO

Ao fazer nossa coletânea de exemplos de condensação nos sonhos, a existência de outra relação, provavelmente de importância não inferior, já se tornara evidente. Via-se que os elementos que se destacam como os principais componentes do conteúdo manifesto do sonho estão longe de desempenhar o mesmo papel nos pensamentos do sonho. E, como corolário, pode-se afirmar o inverso dessa asserção: o que é claramente a essência dos pensamentos do sonho não precisa, de modo algum, ser representado no sonho. O sonho tem, por assim dizer, uma centração diferente dos pensamentos oníricos — seu conteúdo tem elementos diferentes como ponto central. Assim, no sonho da monografia de botânica [pág. 180 e segs.], por exemplo, o ponto central do conteúdo do sonho era, evidentemente, o elemento “botânica”, ao passo que os pensamentos do sonho concerniam às complicações e conflitos que surgem entre colegas por suas obrigações profissionais, e ainda à acusação de que eu tinha o hábito de fazer sacrifícios demais em prol de meus passatempos. O elemento “botânica” não ocupava absolutamente nenhum lugar nesse núcleo dos pensamentos do sonho, a menos que a ele se ligasse vagamente por uma antítese — pelo fato de que a botânica jamais figurara entre meus estudos favoritos. No sonho de minha paciente sobre *Safo* [pág. 277 e segs.], a posição central era ocupada por subir e descer e por estar em cima e embaixo; os pensamentos do sonho, porém, versavam sobre os perigos das relações sexuais com pessoas de classe social inferior. De modo que apenas um único elemento dos pensamentos do sonho parece ter penetrado no conteúdo do sonho, embora esse elemento fosse desproporcionalmente ampliado. De forma semelhante, no sonho dos besouros-de-maio [pág. 281 e segs.], cujo tópico foram as relações entre sexualidade e crueldade, é certo que o fator crueldade surgiu no conteúdo onírico; mas o fez com respeito a outra coisa e sem qualquer menção à sexualidade, ou seja, fora de seu contexto e por conseguinte transformado em algo estranho. Mais uma vez, em meu sonho sobre meu tio [pág. 153 e segs.], a barba loura que formava seu ponto central não parece ter tido qualquer ligação em seu significado com meus desejos ambiciosos, que, como vimos, constituíram o núcleo dos pensamentos do sonho. Tais sonhos dão uma impressão justificável de “deslocamento”. Em completo contraste com esses exemplos, podemos ver que, no sonho da injeção de Irma [pág. 127 e segs.], os diferentes elementos puderam reter, no curso do processo de construção do sonho, o lugar aproximado que ocupavam nos pensamentos do sonho. Essa relação adicional entre os pensamentos do sonho e o conteúdo do sonho, inteiramente variável como é em seu sentido ou direção, destina-se, a princípio, a causar espanto. Ao

considerarmos um processo psíquico na vida normal e verificarmos que uma de suas várias representações integrantes foi destacada das demais e adquiriu um grau especial de nitidez na consciência, costumamos encarar esse efeito como prova de que uma dose especialmente elevada de valor psíquico — um grau particular de interesse — está ligada a essa representação predominante. Mas agora descobrimos que, no caso dos diferentes elementos dos pensamentos do sonho, esse tipo de valor não persiste ou é desconsiderado no processo da formação do sonho. Nunca há qualquer dúvida quanto a quais dos elementos dos pensamentos do sonho têm o mais alto valor psíquico; tomamos ciência disso por julgamento direto. No curso da formação de um sonho, esses elementos essenciais, carregados como estão de um intenso interesse, podem ser tratados como se tivessem um valor reduzido e seu lugar pode ser tomado, no sonho, por outros elementos sobre cujo pequeno valor nos pensamentos do sonho não há nenhuma dúvida. À primeira vista, é como se nenhuma atenção fosse dispensada à intensidade psíquica⁽¹⁾ das várias representações ao se proceder à escolha entre elas para o sonho, e como se a única coisa considerada fosse o maior ou menor grau de multiplicidade de sua determinação. O que aparece nos sonhos, poderíamos supor, não é o que é importante nos pensamentos do sonho, mas o que neles ocorre repetidas vezes. Mas essa hipótese não nos ajuda muito em nossa compreensão da formação dos sonhos, visto que, a julgar pela natureza das coisas, parece evidente que os dois fatores da determinação múltipla e do valor psíquico intrínseco devem necessariamente atuar no mesmo sentido. As representações mais importantes entre os pensamentos do sonho serão, quase certamente, as que com mais frequência ocorrem neles, uma vez que os diferentes pensamentos oníricos, por assim dizer, delas se irradiarão. Não obstante, o sonho pode rejeitar os elementos assim altamente enfatizados em si próprios e reforçados a partir de muitas direções, e selecionar para seu conteúdo outros elementos que possuam apenas o segundo desses atributos.

Para resolver essa dificuldade, utilizaremos outra impressão derivada de nossa investigação [na seção anterior] da sobredeterminação do conteúdo do sonho. Talvez alguns dos que leram essa investigação já tenham chegado à conclusão independente de que a sobredeterminação dos elementos dos sonhos não é uma descoberta muito importante, já que é evidente em si mesma. E isso porque, na análise, partimos dos elementos do sonho e anotamos todas as associações que deles defluem, de modo que nada há de surpreendente no fato de que, no material ideativo assim obtido, deparemos com esses mesmos elementos com peculiar frequência. Não posso aceitar essa objeção, mas eu próprio expressarei em palavras algo que não soa muito diferente dela. Entre as idéias que a análise traz à luz, há muitas

(1) A intensidade, valor ou grau de interesse psíquico de uma representação devem ser distinguidos, naturalmente, da intensidade sensorial ou da intensidade da imagem apresentada.

que estão relativamente afastadas do núcleo do sonho e que parecem interpolações artificiais feitas para algum fim específico. Tal objetivo é fácil de adivinhar. São precisamente *elas* que constituem uma ligação, quase sempre forçada e exagerada, entre o conteúdo do sonho e os pensamentos do sonho; e se esses elementos fossem eliminados da análise, o resultado seria, muitas vezes, que as partes integrantes do conteúdo do sonho ficariam não apenas sem sobre-determinação, mas também sem qualquer determinação satisfatória. Seremos levados a concluir que a determinação múltipla que decide o que será incluído num sonho nem sempre é um fator primordial na construção do sonho, mas é freqüentemente o produto secundário de uma força psíquica que ainda nos é desconhecida. Não obstante, a determinação múltipla deve ser importante na escolha dos elementos específicos que entrarão num sonho, pois é patente que um considerável dispêndio de esforço é empregado para produzi-la nos casos em que ela não provém sem auxílio do material do sonho.

Portanto, parece plausível supor que, no trabalho do sonho, está em ação uma força psíquica que, por um lado, despoja os elementos com alto valor psíquico de sua intensidade, e, por outro, *por meio da sobre-determinação*, cria, a partir de elementos de baixo valor psíquico, novos valores, que depois penetram no conteúdo do sonho. Assim sendo, ocorrem *uma transferência e deslocamento de intensidade psíquicas* no processo de formação do sonho, e é como resultado destes que se verifica a diferença entre o texto do conteúdo do sonho e o dos pensamentos do sonho. O processo que estamos aqui presumindo é nada menos do que a parcela essencial do trabalho do sonho, merecendo ser descrito como o “deslocamento do sonho”. O deslocamento do sonho e a condensação do sonho são os dois fatores dominantes a cuja atividade podemos, em essência, atribuir a forma assumida pelos sonhos.

Não penso tampouco que teremos qualquer dificuldade em reconhecer a força psíquica que se manifesta nos fatos do deslocamento do sonho. A consequência do deslocamento é que o conteúdo do sonho não mais se assemelha ao núcleo dos pensamentos do sonho, e que este não apresenta mais do que uma distorção do desejo do sonho que existe no inconsciente. Mas já estamos familiarizados com a distorção do sonho. Descobrimos sua origem na censura que é exercida por uma instância psíquica da mente sobre outra. [Ver pág. 157 e segs.]. O deslocamento do sonho é um dos principais métodos pelos quais essa distorção é obtida. *Is fecit cui profuit.*⁽¹⁾ Podemos presumir, portanto, que o deslocamento do sonho se dá por influência da mesma censura — ou seja, a censura da defesa endopsíquica.⁽²⁾

A questão da interação desses fatores — deslocamento, condensação e sobre-determinação — na construção dos sonhos, bem como a questão de qual deles é o fator dominante e qual é o fator subordinado —, tudo isso deixaremos de lado para uma investigação posterior. [Ver, por exemplo, pág. 380 e segs.]. Mas podemos enunciar provisoriamente uma segunda condição que deve ser atendida pelos elementos dos pensamentos do sonho que penetram no sonho: *eles têm que escapar da censura imposta pela resistência*⁽¹⁾ E daqui por diante, ao interpretarmos os sonhos, levaremos em conta o deslocamento do sonho como um fato inegável.

[Ver acima, Pós-escrito, 1909, Capítulo I, pág. 117; ver também Freud, 1923f e 1932c.] O título da história é “*Träumen wie Wachen*” [“Sonhando como se estivesse acordado”]:

“Sobre um homem que tem o notável atributo de nunca sonhar coisas absurdas...”

— Esse seu esplêndido dom de sonhar como se estivesse acordado é consequência de suas virtudes, de sua bondade, de seu senso de justiça e de seu amor à verdade; é a serenidade moral de sua natureza que me faz compreender tudo sobre você.

— Mas, quando medito apropriadamente sobre o assunto — respondeu o outro —, chego quase a acreditar que todos são como eu, e que ninguém em absoluto jamais sonha coisas absurdas. Qualquer sonho que possamos lembrar com clareza o bastante para depois descrevê-lo, em outras palavras, qualquer sonho que não seja um sonho febril, deve *sempre* fazer sentido, e não há possibilidade de ser de outra maneira. Pois coisas que fossem mutuamente contraditórias não poderiam agrupar-se num todo único. O fato de o tempo e o espaço serem muitas vezes confundidos não afeta o verdadeiro conteúdo do sonho, uma vez que, sem dúvida, nenhum dos dois é importante para sua essência real. Muitas vezes fazemos a mesma coisa na vida de vigília. Basta pensarmos nos contos de fadas e nos muitos produtos ousados da imaginação, que estão repletos de sentido e dos quais somente um homem sem inteligência poderia dizer: ‘Isso é um absurdo porque é impossível.’

— Ah, se a gente sempre soubesse como interpretar os sonhos da maneira certa, como você acaba de fazer com o meu! — disse o amigo.

— Essa, por certo, não é uma tarefa simples; mas, com um pouquinho de atenção por parte do próprio sonhador, sem dúvida sempre terá êxito. Você pergunta por que é que, na maioria das vezes, ela não tem êxito. Nas outras pessoas como você, parece haver sempre algo que se oculta em seus sonhos, algo impuro num sentido especial e superior, certa qualidade secreta em seu ser que é difícil de entender. E é por isso que muitas vezes seus sonhos parecem não ter sentido ou ser até absurdos. Mas, no sentido mais profundo, não é nada disso; aliás, não pode ser assim em absoluto — pois é sempre o mesmo homem, esteja ele acordado ou sonhando.”

(1) A primeira condição para isso é que precisam ser sobre-determinados. (Ver pág. 296.)

(1) O velho refrão jurídico: “Praticou a ação quem dela se beneficiou.”

(2) [Nota de rodapé acrescentada em 1909:] Uma vez que posso dizer que o cerne de minha teoria dos sonhos reside em eu derivar a distorção onírica da censura, inserirei aqui a última parte de uma história de *Phantasien eines Realisten* [Fantasias de um Realista], de “Lynkeus” (Viena, 2.ª edição, 1900 [1.ª edição, 1899]), na qual encontrei essa característica fundamental de minha teoria mais uma vez exposta.